



O crescente interesse dos jovens por investimentos esbarra na falta de educação financeira e na pressão social para ganhos rápidos

## Eleições dos EUA e a Influência das redes sociais

A Geração Z, conhecida por seu uso massivo de redes sociais, tem moldado a forma como campanhas eleitorais são conduzidas. Nos Estados Unidos, vídeos de campanha e perfis de candidatos têm se adaptado a esse público, utilizando uma abordagem mais descontraída e voltada ao humor. Pag. 7

## Batalhas de rap potencializam a cultura Hip-Hop no Brasil.

história das batalhas de rima se entrelaçam com o rap e a música. Das raízes do hip-hop que surgiram culturas que hoje seguem mundialmente a sociedade. As rimas foram de um elemento musical à foco principal de uma das maiores tendências da atual cultura do hip-hop de rua. Pag. 27

## Punho Cerrado - Futebol contra o fascismo e por um novo mundo

Criado em 2020, clube da várzea paulistana vai muito além das quatro linhas

Futebol e política não se misturam? Ao redor do mundo, a história sempre provou o contrário, e em tempos de conflitos cada vez mais intensos, o Punho Cerrado Futebol Clube é mais um exemplo de como os dois fenômenos estão totalmente interligados. Fundado em 2020, o clube da numerosa várzea de São Paulo nasceu com uma iniciativa que rompe as quatro linhas. Um dos mentores do projeto é o professor e historiador Rafael Blessa, que narrou a trajetória da equipe, começando pelas motivações que levaram ao surgimento. Pag. 20



O crescente interesse dos jovens por investimentos esbarra na falta de educação financeira e na pressão social para ganhos rápidos

Especialistas apontam o impacto da Lei Pelé  
Pg. 5

Reino Unido permite negar atendimento à pacientes racistas e violentos  
Pg.10

Energia Limpa: Avanços, Desafios e o Caminho para um Futuro Sustentável. -  
Pg.12

Quais os riscos ao investir sem experiência? -  
Pg.15

O Papel das Feiras Livres na Vida dos Paulistanos.  
Pg.11

Impulsionada pelas redes sociais, corrida de rua vira xodó entre os brasileiros -  
Pg. 23

Redescoberta de obras inéditas: impactos artísticos no cenário contemporâneo.  
Pg. 25

### EDITORIAL

O preço humano da escala 6x1  
Pg.2

### ARTIGO

A luta do dia Internacional da Mulher como marco no jornalismo feminino  
Pg.3

### FALE COM O RADAR SÃO PAULO

radarsaopaulo.com.br



editoriais

# O preço humano da escala 6×1

O modelo de trabalho 6×1, no qual o trabalhador atua seis dias consecutivos e descansa apenas um, vem sendo alvo de discussões no Brasil, especialmente na internet, em decorrência da proposta da deputada do PSOL, Erika Hilton, em acabar com a escala. Embora legalmente permitido e amplamente adotado, é hora de questionarmos os impactos dessa escala, que sacrifica o bem-estar humano em nome da produtividade. A promessa de eficiência por trás do 6×1 ignora a saúde física e mental dos trabalhadores.

Longas jornadas consecutivas deixam pouco tempo para o descanso necessário, prejudicando o equilíbrio entre vida profissional e pessoal. Estudos mostram que a privação de descanso adequado pode levar a uma série de problemas, como aumento no risco de doenças cardiovasculares, ansiedade, *burnout*, esgotamento mental e queda na qualidade de vida. Além disso, essa dinâmica corrói os laços sociais. Com apenas um dia de folga por semana, trabalhadores enfrentam dificuldades para conviver com seus familiares, buscar lazer ou até mesmo cuidar de tarefas pessoais básicas.

Isso contribui para um cenário de alienação e isolamento, exacerbado ainda mais pelas demandas cada vez maiores do mercado. É inegável que a competitividade do mercado e a necessidade de lucro pressionam empresas a manterem escalas como essa. Contudo, em um mundo que discute constantemente sobre qualidade de vida e sustentabilidade, o modelo 6×1 se torna cada vez mais antiquado. Alternativas como jornadas reduzidas e semanas de trabalho flexíveis já são realidade em muitos países desenvolvidos, mostrando que é possível conciliar

eficiência econômica e respeito ao trabalhador. A perpetuação da escala 6×1 é um sintoma de um sistema que privilegia o lucro em detrimento do ser humano. É necessário repensar essa lógica e colocar a dignidade do trabalhador no centro das políticas empresariais. Afinal, empresas não sobrevivem sem pessoas — e as pessoas, para produzir com excelência, precisam mais do que apenas sobreviver. Modelos mais flexíveis e equilibrados beneficiam tanto as empresas quanto os trabalhadores, promovendo um ambiente de confiança e bem-estar.

# Homem bomba - Delírio a um

A recente explosão de bombas na Praça dos Três Poderes em Brasília, ocorrida em 13 de novembro de 2024, revela a fragilidade da segurança em áreas críticas do governo brasileiro. O ataque, perpetrado por Francisco Wanderley Luiz, resultou em sua morte e expôs vulnerabilidades que exigem uma resposta imediata das autoridades. As explosões, que ecoaram durante uma entrevista no Palácio do Planalto, não apenas alarmaram a população, mas também reavivaram memórias de eventos traumáticos anteriores, como os ataques de 8 de janeiro de 2023.

A Polícia Federal investiga indícios de planejamento a longo prazo por parte do autor, o que sugere que a ameaça pode ser parte de um padrão mais amplo de extremismo. É imperativo que o governo reforce as medidas de segurança e promova um diálogo sobre a proteção das instituições democráticas. A sociedade deve estar atenta e unida contra qualquer forma de violência que ameace a democracia. Ainda é incerto afirmar motivos que apontem para o que levou Francisco a praticar tal ato, o que se precede é que vivemos em tempos de grande fanatismo político,

embora o ato não esteja associado a qualquer partido político, há indícios que Francisco agiu por motivos próprios e sem qualquer motivação além de suas próprias alusões. O plano como um todo mostra um profundo desequilíbrio do autor, que teve diversas atitudes consideradas até mesmo lunáticas, como deixar uma mensagem escrita em batom no espelho da casa que alugava direcionada a Debora Rodrigues, terrorista presa por pichar a estatua da Justiça nos atentados de 8 de janeiro e, além disso em agosto deste ano após uma visita ao Supremo Tribunal Federal,

postou uma foto em suas redes sociais com legenda nada condizentes e usando termos bíblicos, o que mostra mais uma vez que o plano foi arquitetado por sua mente desvairada. A atitude de Luiz faz uma séria alusão ao personagem do filme Coringa, no qual o personagem principal assim como o autor do ato também é um homem de meia idade de classe baixa, que em determinado momento da vida tem atitudes fora da realidade que mostram seu profundo desequilíbrio, pois até momento nada aponta para motivos reais além da mente atribulada de Francisco Wanderley Luiz.

## Expediente

Jornal laboratório produzido na disciplina Práticas em Jornalismo: Produção de Jornal pelos estudantes do quarto semestre de jornalismo (Manhã – 2024.2 – Turma 165104A01) do Centro Universitário FMU FIAM, sob orientação do Prof. Guy Almeida Jr.  
**Editoras-chefes:** Constanza De Aquila e Mariah Simões

**Projeto Gráfico:** Bruna Margô e Izabel Santa Fé  
**Redes Sociais:** Maria Fernanda Vilani e Mariah Simões  
**Conselho Editorial:** Adilene dos Anjos, Alice Melo, Camyli Estafani e Thais Barral e Siqueira  
**Articulistas:** Giovanni Pimenta, Izabel Santa Fé e João Silvino.  
**Colunista:** João Silvino  
**Charges:** Constanza De Laquila e Guilherme Luiz

**Reportagens por editoria:**  
Thais Barral e Siqueira e Giovanni Pimenta (Política)  
Alice Melo e Izabelly Feitosa (Internacional)  
Bruna Margô e Grazielle Franca (Ciência)  
Izabel Santa Fé e Mariah Simões (Economia)  
Adilene dos Anjos e Bianca Melhorine (Cidade)

Maria Fernanda Vilani, Mateus Maiellaro e João Silvino (Esporte)  
Constanza De Laquila, Guilherme Luiz e Camyli Estafani (Cultura)



## artigo

# A luta pelo Dia Internacional da Mulher como marco no jornalismo feminino

Izabel Santa Fé - Para COEPTA 2022

A história do Dia Internacional da Mulher (DIM) no Brasil remonta a esforços que combinam ativismo político e pioneirismo feminino. Em destaque, o periódico O Momento Feminino (OMF), fundado em 1947, e uma de suas principais líderes, Arcelina Mochel, vereadora eleita pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) e figura marcante na luta pelos direitos das mulheres. Embora hoje o DIM simbolize o empoderamento feminino, sua origem está ligada à luta por igualdade, especialmente no contexto da Revolução Russa de 1917, quando mulheres protestaram por "Pão e Paz". A data tornou-se referência global após ser reconhecida pelas Nações Unidas em 1975.

No Brasil, as primeiras celebrações ocorreram apenas em meados do século XX. O Momento Feminino desempenhou um papel crucial ao difundir a importância do 8 de março, enfrentando a repressão política e desafiando estereótipos. O periódico, dirigido por mulheres como Mochel, promovia a conscientização sobre cidadania feminina, combate à carestia e lutas trabalhistas, além de publicar conteúdos que iam além dos temas domésticos habituais. Arcelina Mochel foi uma liderança fundamental, não apenas por sua atuação parlamentar, mas também pela promoção de eventos como a 1ª Convenção Feminina do Distrito Federal, em 1949.

Apesar da repressão que enfrentou após o cancelamento do PCB, ela manteve o engajamento no movimento feminino, contribuindo para a criação de organizações comunitárias em todo o país. Seu legado como advogada, política e jornalista reforça a importância de figuras históricas que deram voz às mulheres em momentos de repressão e desigualdade. Sua trajetória inspira a necessidade de refletir sobre os significados originais do DIM, resgatando-o como um símbolo de luta, e não apenas de celebração simbólica. Além disso, o legado de Mochel não se limita ao seu papel no O Momento Feminino. Sua visão política defendia o direito das

mulheres à educação, trabalho digno e participação política, antecipando discussões que ainda são atuais no movimento feminista. O impacto do trabalho de Arcelina Mochel ecoa até hoje. Em tempos em que o Dia Internacional da Mulher enfrenta riscos de esvaziamento simbólico, marcado por campanhas comerciais, revisitar a história de mulheres como ela é essencial. Sua luta nos lembra que a data deve ser um espaço de conscientização e ação pela igualdade de gênero, valorizando as conquistas, mas reconhecendo que ainda há muito pelo que lutar.

## Uma temporada para esquecer na seleção brasileira

Por Giovanni Pimenta e João Silvino

Decepção, vexame... ou nada além do esperado? A Seleção Brasileira encerra o ano de 2024 com um saldo repugnante, em uma temporada que fica para a história como uma das piores da canarinha. Dentro de campo, o que se vê é uma seleção sem padrão de jogo, sem protagonista, sem uma base. Jogadores que até pouco tempo atrás, nem meia dúzia de torcedores conhecia, de repente se tornaram a salvação da pátria na cabeça de um perdido Dorival Jr. E não, Neymar não é salvação nem da seleção brasileira, e nem da seleção de Madagascar. Um jogador que passa um ano fora, e em dois jogos no possante futebol saudita, sofre outra lesão, não pode liderar um país.

Uma seleção que vê jogadores outrora líderes fazendo hora extra, como Marquinhos; ele ainda faz por merecer tamanha confiança? Enquanto isso, o zagueiro Murillo, em grande fase na Inglaterra, mofa no banco de reservas. Depender de um lance feliz de Gerson, um dos poucos que se salvam, para empatar diante de uma medíocre seleção uruguaia em casa, beira o patético. O apequenamento da seleção que um dia, colocou medo nos adversários. E acima de tamanho fracasso em campo, uma gestão covarde e fujona, com medo das críticas. Uma CBF perdida, liderada por um presidente incapaz de gerir até mesmo um jogo de bingo.

Sabendo dos erros e absurdos que comete, eleva os ingressos às alturas, afastando o verdadeiro torcedor. O ingresso mais barato por “apenas” R\$ 100, com a doação de 2kg de alimento não perecível; sem a doação, R\$ 200. Sabemos bem que o torcedor que paga R\$ 200, R\$ 400 ou R\$ 600 em um ingresso não é o mesmo que se revolta nas arquibancadas. Não é o torcedor que atira 50 mil bandeirinhas no gramado, como vimos no Morumbi em 15 de novembro de 2000, em protesto contra o péssimo futebol da seleção de Leão. O que vemos é o empolgante “Movimento Verde Amarelo” tomando as arquibancadas, sem representar o torcedor.

Para não falar da manutenção de Ramon Menezes, técnico que comandou a Sub-20 na eliminação para Israel, e deixou um time com Endrick fora dos jogos de Paris. A seleção brasileira, hoje, é retrato de desgosto, cativando cada vez menos o torcedor. Por fim, muitos defendem a saída de Dorival e a troca por um estrangeiro. Concordo. Porém, alguém confia na competência de Ednaldo Rodrigues? Acham que o pior presidente da CBF é capaz de trazer Guardiola ou Jorge Jesus? Depois de passar um ano se humilhando por Ancelotti, que nunca teve vontade de comandar a seleção. Se Dorival sair, preparem o espírito para ver Cuca ou Renato Gaúcho. Se não vier coisa pior.

## política

## Advogados apontam fragilidades da Lei Maria da Penha

No Brasil, a média de feminicídios por dia no primeiro semestre de 2024 foi de 4,98 mulheres, de acordo com o Laboratório de Estudos de Feminicídio (LESFEM) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).



*Maria Da Penha, a maior responsável pela promulgação da Lei (Fonte: ONU/Jarbas Oliveira)*

*Giovanni Pimenta e Thais Barral*

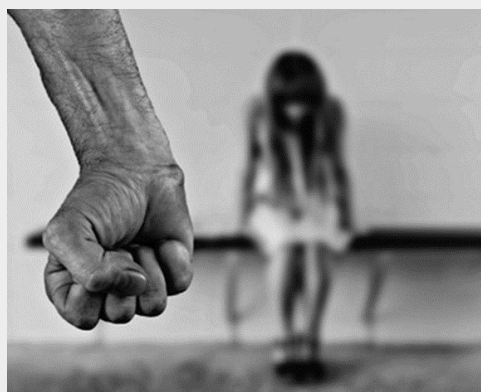
**R**atificada para garantir que as vidas das mulheres brasileiras fossem mantidas em segurança, a Lei Maria da Penha foi considerada pela ONU, a terceira melhor lei do mundo no combate à violência doméstica perdendo para Espanha e Chile. Foi apontado em pesquisa realizada em 2011 pela Avon/Ipsos que cerca de 94% da população brasileira conhece a lei, entretanto em 2015 a 2023 houve um considerável aumento nos casos de feminicídios no Brasil, chegando a 10.6 mil de vítimas, segundo a Federação Brasileira de Segurança Pública. Cerca de 70% (67,3%) das vítimas nunca haviam registrado ocorrência dos casos.

O professor de direito Carlos de Oliveira diz que em muitos casos os crimes são praticados por pessoas próximas as vítimas, dificultando assim que as vitimas relatem os abusos sofridos. Fernanda Picanço, advogada especialista em casos de violência doméstica coloca o machismo, falta de amparo a vítima e a possibilidade de revitimização, onde ela é submetida a novas situações de constrangimento sofrimento como causas determinantes para a falta de registro da ocorrência e reconhecimento de violência. Segundo dados fornecidos pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT), o número de medidas protetivas de urgência, concedidas no DF

saltou 96,8% de 2019 a 2023. No ano passado, foram emitidas 15.744 medidas, enquanto o total, em 2019, foi de 7.999.

As medidas protetivas de urgência são concedidas pelo Poder Judiciário e prevista no 3 artigos da lei. Afastamento do lar, proibição de aproximação, fixando-se limite mínimo de distância entre a vítima e o agressor; e a proibição de qualquer tipo de contato estão entre as mais solicitadas e concedidas.

“A solicitação dessas medidas podem ser feitas diretamente as autoridades policiais ou judiciais. Após o pedido, o juiz deve tomar uma decisão em até 48 horas. Para isso, baseia-se nos indícios apresentados, como depoimento da vítima, boletim de ocorrência, laudos médicos e entre outros. As medidas podem ser concedidas mesmo sem a manifestação prévia do agressor.” disse a advogada .As autoridades policiais tem 48 horas para comunicar o juiz sobre os pedidos das medidas, assim como o juiz para concluir o caso. Embora essas medidas sejam temporárias, podem ser estendidas, caso a situação de risco persista, a vítima também pode solicitar mudança das medidas conforme a evolução do caso.



A advogada especialista relatou sobre uma cliente que atendeu recentemente: “atendemos uma cliente que nos procurou para solicitar o divórcio.

Durante a conversa, ela nos relatou que, no dia anterior, seu ex-marido a agrediu por não aceitar o fim da relação. Ao ouvir esse relato, imediatamente explicamos seus direitos e orientamos sobre como proceder, e posteriormente, ela nos enviou uma mensagem informando que o ex-marido foi afastado de casa”. De acordo com a lei, esse afastamento deve ocorrer quando houver um risco iminente à vida e integridade física da vítima.

Psicóloga, que prefere nao ser identificada, afirma que foi violentada durante toda sua infancia, ela relata que os traumas causados pelas agressões sofridas por seu pai são inúmeros “Me tornei uma pessoa medrosa insegura, com a auto-estima baixa e com medo de me relacionar. Uma pessoa desconfiada achando que todos sempre farias mesmas coisas . Infelizmente suportei tudo isso sozinha até parar num hospital” Apesar da criação da lei ter sido um grande avanço para aquele momento, deve-se considerar que a sociedade evoluiu, portanto, seria fundamental aumentar o número de Delegacias e Varas Judiciais especializadas nesses tipos de delito seja atualizando com as novas formas

como também ideias de proteção a mulher para promover melhorias para assegurar que os direitos delas sejam respeitados e que recebam o suporte necessário nestes tipos de situação.

“Gostaria que as pessoas soubessem que existem meios mais eficazes que os tradicionais, nao desmerecendo os metodos queja existem, mas por experiência própria, cada pessoa significa a violencia de uma forma e tratar todos da mesma forma nao faz sentido.” finalizou a terapeuta.



*Acesse o QR Code e compartilhe a notícia nas redes sociais.*



politica

# Especialistas apontam o impacto da Lei Pelé

Ex-jogador alega que antes da Lei Pelé, muitas extensões de contrato eram assinadas em “branco”, sem qualquer tipo de valorização, e ao término deles, havia estipulação de “passe” para as federações locais.



Pelé foi Ministro dos esportes na promulgação da lei (Fonte: Ricardo Chaves/Agência RBS)

Giovanni Pimenta

A Lei Pelé (nº 9.615/1998) causou efeitos fundamentais na política esportiva como: o fim do “passe”, constituição do “clube-empresa” e direitos de transmissão. Renata Falcão destaca a importância da Lei Pelé dentro do esporte: “Ela é crucial para o esporte no Brasil, especialmente no futebol. Ela regulamenta a relação entre clubes e atletas, garantindo direitos como contratos de trabalho, salários e direitos de imagem. Além disso, promove a formação de jovens talentos e estabelece normas para transferências, proporcionando transparência e proteção financeira”. O “passe” que era o principal alvo da lei, significava a sobrevivência da ligação do atleta com o clube mesmo após o fim do contrato, impedindo o atleta de ir para outro clube, caso não houvesse o pagamento do passe estipulado. Tanto é que, o ex-jogador Alexandre Rosa relata que os jogadores antes da lei ser constituída eram considerados “escravos” por ficarem submissos ao clube até mesmo quando lesionavam-se, situação que o próprio entrevistado viveu em 1995, e ao término do contrato, os atletas tinham o seu passe estipulado na Federação Paulista de Futebol ou em qualquer outra federação local, o que foi alterado com a lei Pelé, na qual permite o passe livre após o término do contrato dos atletas com os clubes, e em caso de lesão perante o contrato, o clube tem obrigatoriedade de renovar o contrato com o atleta até haver condições de jogar.

Renata também enfatiza a importância da autonomia dos atletas ao negociar contratos, mas também reforçou a responsabilidade dos clubes na formação de jovens talentos e a mudança nos direitos de transmissão. E no final, apresentou as preocupações da sociedade quanto a eficácia da lei. Segundo o advogado Mauro Gonzaga, as mudanças foram as seguintes: “Ao término do contrato, o atleta estará livre para trabalhar em qualquer clube; a rescisão de contrato ocorre com o pagamento da multa rescisória estipulada no próprio contrato, deixando o atleta livre para negociar com outro clube e se houver atraso no pagamento do salário por período igual ou superior a três meses, atleta também estará livre para efetuar qualquer outro contrato de trabalho”. Outro impacto, gerado com a promulgação da Lei Pelé diz respeito à necessidade de constituição do chamado “clube-empresa” para a prática de atividades relacionadas a competições de atletas profissionais que incentivou a transformação dos clubes em empresas, promovendo uma gestão mais profissional e atraindo investimentos, o que melhora a sustentabilidade financeira, de acordo com a Renata Falcão. Alexandre confirma essa ideia perante o futebol:

"Na época assinava-se contratos em branco, sem valorização alguma, porque os clubes não tinham profissionalismo. Hoje já há uma melhora, permitindo autonomia ao atleta a negociar seus contratos na relação clube, empresário e jogador, principalmente nas extensões de contrato, onde os termos contratuais são mais benéficos ao atleta".



Alexandre Rosa, ex-jogador foto; Giovanni Pimenta

O direito de transmissão, que de acordo com Renata, busca uma distribuição mais equitativa das receitas, beneficiando clubes menores e democratizando o acesso a esses recursos, fortalecendo a profissionalização do futebol brasileiro, aumentando a liberdade dos atletas e melhorando a gestão dos clubes. Apesar dos avanços para a época, Renata relata que a lei é considerada ultrapassada devido à evolução do mercado de futebol, que mudou muito desde 1998 com a globalização e o aumento das receitas, tornando essa regulamentação inadequada

Ela não conseguiu resolver completamente a desigualdade financeira entre grandes clubes e menores, gerando a concentração de recursos. Além disso, muitos atletas ainda enfrentam dificuldades relacionadas a contratos e proteção de direitos, evidenciando brechas na lei. A estrutura de clube-empresa, embora incentivada, não foi amplamente implementada, e muitos clubes ainda operam de forma amadora e por conta da falta de fiscalização das regras

MASTERCLASS

ARTE, EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE CULTURAL

ERIKA HILTON

AMANDA PASCHOAL

FIAM FIAN INSTITUTO CRIATIVA

19/09 19:00

World's 100 most influential digital leaders

RESULTADO PRÊMIO DUA

CASA METROPOLITANA DO DEBATE



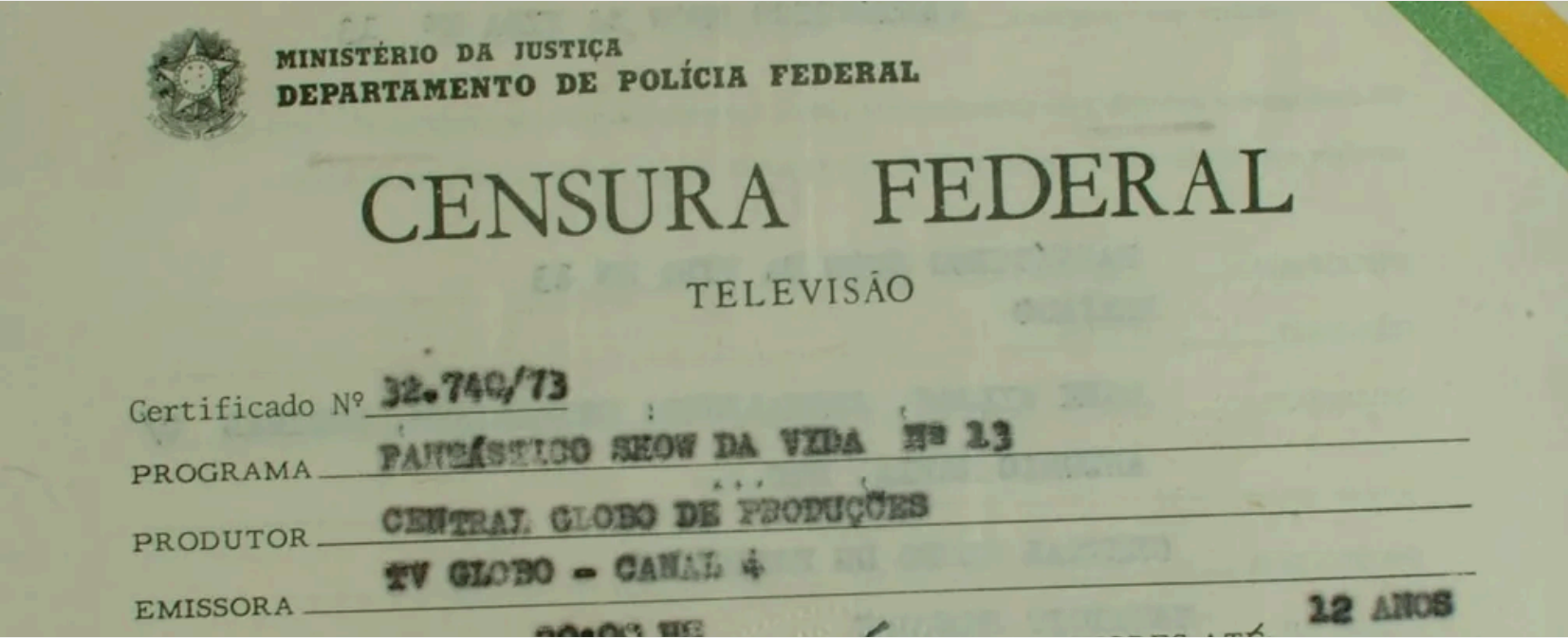
Acesse o QR Code e compartilhe a notícia nas redes sociais.



politica

# Legado da Censura Federal na televisão brasileira

Censura implantada no Brasil afetou diretamente a produção de cultura e informação no país.

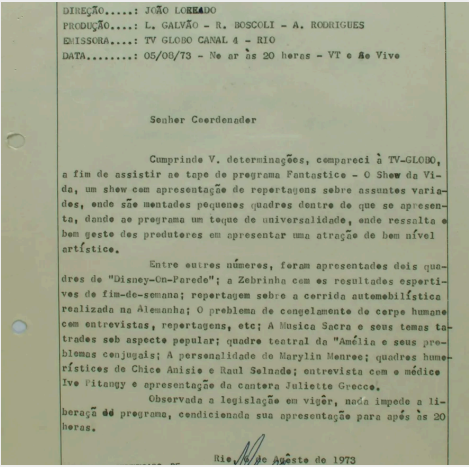


Certificado do 'Fantástico' na Divisão de Censura de Diversões Públicas, 23/10/1974 — Foto: Arquivo Nacional de Brasília

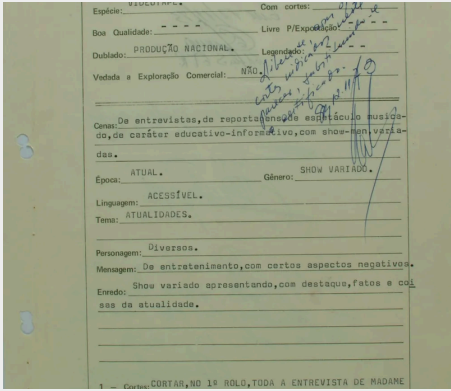
Thais Barral

Solange Maria Chaves Teixeira Hernandes, conhecida por Solange Hernandes foi a principal responsável pela censura de 1981 a 1985. Assumindo a Divisão de Censura de Divisões Públicas (DCDP), órgão criado em 1972 pela Polícia Federal. A Dama da tesoura, como também ficou conhecida, estabeleceu um legado rígido ao longos dos anos em que dirigiu do DCDP, "critérios autoritários e justificados na manutenção de uma certa moral e bons costumes para a população" disse ela. Junto a Solange Hernandes, atuavam outros 279 funcionários, 87 em Brasília, os demais espalhados pelo Brasil. Os funcionários responsáveis pelas censuras eram jornalistas, advogados ou cientistas sociais que receberam formação e especialização pela Academia de Polícia Federal (ANP). Dentro da ANP os Censores recebiam aulas ministradas por professores universitários de artes e participavam de palestras para aperfeiçoarem suas análises em filmes, músicas, teatros e programas televisivos. Segundo a historiadora Beatriz Kushnir, a interventora reprovou em média 2,8 milhões de obras por cada dia trabalhado em pouco mais de três anos.

Cerca de 2.517 letras de músicas, 173 filmes, 42 peças de teatro e 87 capítulos de novelas foram completamente ou parcialmente erradicados. Uma das atingidas pelos Censores foi a Rede Globo de Televisão, o programa "Fantástico" na época dirigido por Jose Itamar de Freitas foi advertido diversas vezes por seus conteúdos, que segundo os fiscais da censura, abusavam nas piadas de duplo sentido juntamente com comentários que ofendiam o governo atual e feriam os preceitos determinados pelo mesmo. Solange recomendava que seus colegas tivessem cada vez mais cuidado nos momentos em que inspecionassem as obras, para que não fossem ao ar dois dos principais elementos desprezados pelo governo:



Censura de Diversões Públicas. 06/08/1973. — Foto: Arquivo Nacional de Brasília



Intimação de Censura da Rede Globo Foto: Arquivo Nacional de Brasília

O primeiro elemento a ser julgado pelos Censores era a capacidade da obra de provocar incitamento contra o regime, já o segundo, era a possibilidade do tema de ferir a dignidade e interesses nacionais. Sempre seguindo um modelo regido, os Censores eram instruídos a sempre encaminharem relatórios mensais a Solange. Mesmo após 60 anos do fim da ditadura temos ainda nos dias atuais os impactos causados na década de 80. Entretanto com o uso das novas tecnologias estamos avançando, como diz o professor de história Ronaldo Rangel “É evidente que com o avanço das mídias digitais a liberdade de expressão voltou a ser amplamente discutida

e alguns até apontam incertezas sobre nosso regime democrático atual e a liberdade que ele assegurar”. O professor finalizou ressaltando a importância de temas como Censura e Regime Militar.



Acesse o QR Code e compartilhe a notícia nas redes sociais.



## internacional

## Eleições dos EUA e a influência das redes sociais

Linguagem da Geração Z domina vídeos de campanha e perfis oficiais de candidatos



2024REUTERS/Dado Ruvic

Alice Melo e Isabelly Feitosa

A Geração Z, conhecida por seu uso massivo de redes sociais, tem moldado a forma como campanhas eleitorais são conduzidas. Nos Estados Unidos, vídeos de campanha e perfis de candidatos têm se adaptado a esse público, utilizando uma abordagem mais descontraída e voltada ao humor.

O primeiro vídeo da campanha eleitoral da candidata Kamala Harris, após a desistência de Joe Biden, causou grande repercussão nas redes sociais, como *TikTok*, *X* (antigo *Twitter*) e *YouTube*. No vídeo, Harris utilizou a música “Freedom” da cantora americana Beyoncé, demonstrando uma clara tentativa de captar a atenção de jovens que consomem a música da artista e se identificam com as mensagens de empoderamento e liberdade. Esse movimento marca uma transição significativa na comunicação eleitoral, onde as plataformas digitais e os ícones da cultura pop desempenham um papel fundamental.

A aposta em músicas populares e vídeos dinâmicos não é isolada. O doutor e mestre em História Social,

Sidney Leite, com pós-doutorado em Comunicação diz: “Essa relação é direta, né? Na verdade, em especial no modelo de democracia ocidental que nós conhecemos, essa relação é intensa. À medida em que foi aumentando a capacidade de inserção dos meios na sociedade, provavelmente de uma forma mais intensa, no primeiro momento, pelos jornais, pelos periódicos. Vide, a participação de panfletos, de periódicos por exemplo na Revolução Francesa e em outros episódios e, posteriormente, com o uso mais temático da publicidade, da propaganda, dos cartazes.”

Nas redes sociais de vídeos curtos, como *TikTok* e nos reels do *Instagram*, Harris tem aparecido em diversos edits — vídeos curtos criados por fãs que combinam “beauty shots” (imagens que destacam a pessoa de forma estética) de celebridades e políticos, acompanhados de músicas que estão em alta. Esse tipo de conteúdo não apenas humaniza os candidatos, mas também aumenta sua visibilidade em uma plataforma onde o público jovem consome conteúdo de maneira rápida e casual.

A escolha por esse estilo de comunicação é estratégica. Segundo a pesquisa realizada pelo CNBC Generation Lab, entre os eleitores de 18 a 34 anos, 60% dizem que devem votar na democrata, entre os 1.021 eleitores jovens entrevistados, 36% listam a plataforma *TikTok* como uma fonte de notícias. Além disso, estudos mostram que o conteúdo mais leve e humorístico tende a gerar mais engajamento, com vídeos curtos, piadas e memes políticos recebendo mais curtidas e compartilhamentos do que os vídeos sérios e tradicionais de campanha. No caso de Kamala Harris, edits com trechos de debates, cortes engraçados ou até vídeos de bastidores têm se mostrado eficazes em atrair a atenção dos jovens.

Além disso, Kamala Harris participou ativamente de desafios no *TikTok* e gravou vídeos ao lado de influenciadores, uma estratégia já utilizada por outros políticos, como Alexandria Ocasio-Cortez, para aumentar o alcance entre os eleitores mais jovens. Ao colaborar com influenciadores de grande relevância nas redes,

Harris não só potencializa seu alcance, mas também se associa a figuras que já possuem grande apelo entre a Geração Z.

**O impacto da estratégia nas campanhas eleitorais**

A interação com vídeos de campanha em redes sociais tem gerado diversas reações. Entre respostas coletadas, alguns usuários mencionaram já ter visto “edits da Kamala ao som de Charli XCX”, enquanto outros mencionaram “cortes engraçados de debates entre Kamala e Trump” ou até mesmo “músicas famosas sendo usadas para dar destaque às candidaturas”. A música e o humor parecem ter se tornado peças centrais na maneira como os jovens interagem com a política.

Há também uma percepção clara de que piadas, memes e até mesmo situações mais polêmicas — como o atentado recente contra



Edit de Kamala Harris ao som de Charli XCX

# internacional

Donald Trump, que gerou inúmeros memes sobre o “tiro na orelha” do candidato — se tornaram combustível para a viralização de conteúdo político. “Vi vários memes sobre o tiro que o Trump levou”, comenta um jovem entrevistado, apontando para a forma como os eventos políticos se transformam rapidamente em entretenimento digital. Outros entrevistados também mencionaram a crescente influência de figuras públicas e celebridades, como Beyoncé e Taylor Swift, que se posicionaram em apoio a Harris, o que também gerou discussões acaloradas online.

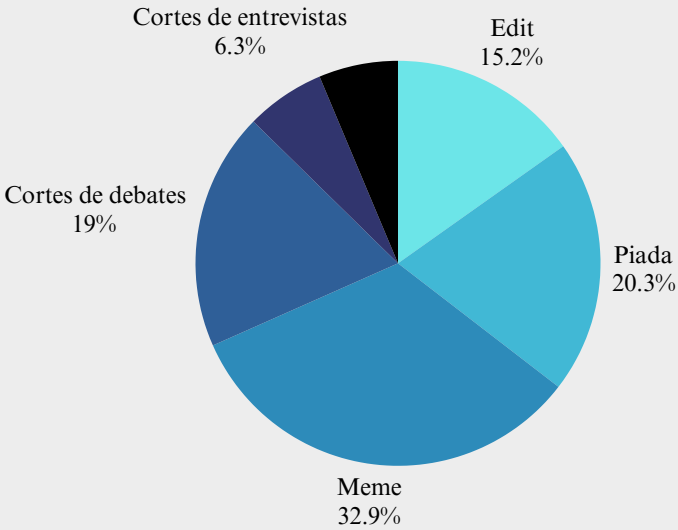
## Eleições Americanas vs Municipais

Durante as eleições municipais de São Paulo, um dos momentos mais comentados foi o incidente envolvendo o candidato Datena e Pablo Marçal

durante um debate transmitido pela TV Cultura. O episódio, que ficou conhecido como “a cadeirada do Datena”, rapidamente viralizou nas redes sociais, gerando uma série de memes e discussões sobre a postura dos candidatos. Muitos eleitores, especialmente os mais jovens, comentaram sobre a cena e a transformaram em um dos principais tópicos de debate eleitoral. Além disso, a repercussão da agressão ofuscou outras discussões importantes, como as propostas de governo e questões de políticas públicas. Enquanto alguns mencionaram as falas polêmicas de outros candidatos, como Guilherme Boulos e Tabata Amaral, que trouxe acusações contra Marçal, a “cadeirada” acabou dominando as manchetes e se tornando o evento mais memorável para muitos eleitores.



Repercussão da agressão que ofuscou outras discussões importantes, como as propostas de governo.Reprodução/TV Cultura



Dos jovens brasileiros entrevistados, 83,9% disseram que já tiveram contato com Memes sobre as eleições americanas, enquanto 51,6% diz já ter visto piadas, 48,4% cortes de debates, 38,7% edits, e 16,1% não viu.

Em entrevista para o Radar SP, 96,8% dos jovens acreditam que memes e edits podem influenciar o resultado das eleições, destacando o poder das redes sociais na formação de opiniões. Em resposta, o Professor Sidney diz: "Eu tenho um cuidado, como estudioso do assunto, em usar a palavra manipulação. O conceito de manipulação, implica naquela relação de mensagem e recepção da mensagem, a gente desqualifica o receptor. A gente entende que o receptor vai estar fragilizado diante do poder da mensagem. Eu prefiro usar a palavra persuasão, a palavra persuasão implica num certo papel significativo do receptor da mensagem. Objetivamente, aquele que elabora a mensagem vai ter que levar em consideração, pesquisar, entender. A cabeça do receptor, a gente tá falando de eleições, a cabeça do eleitor, aquele que produz a mensagem. E portanto, a mensagem para ser eficaz, pra ela ser eficiente, ela tem que ser coerente com ideias, concepções e visões de mundo dos próprios eleitores."

O Professor cita uma fala de Goebbels, antigo chefe de propaganda alemã do partido nazista, “Um filme musical,

ele pode passar muito mais valores políticos do que propriamente um documentário, um filme de ficção com bases bastante realistas”. 22,6% desses jovens admitiram que não acompanharam as eleições municipais, o que aponta para uma desconexão entre a visibilidade das campanhas e o engajamento real nas eleições locais.

Com uma Geração Z cada vez mais conectada e participativa, os políticos que conseguem falar sua linguagem e aproveitar as tendências digitais têm maiores chances de capturar seu voto. Seja por meio de edits cômicos, músicas virais ou colaborações com influenciadores, a política nas redes sociais está se transformando em um novo campo de batalha, onde o humor e a cultura pop desempenham um papel tão importante quanto os discursos tradicionais.



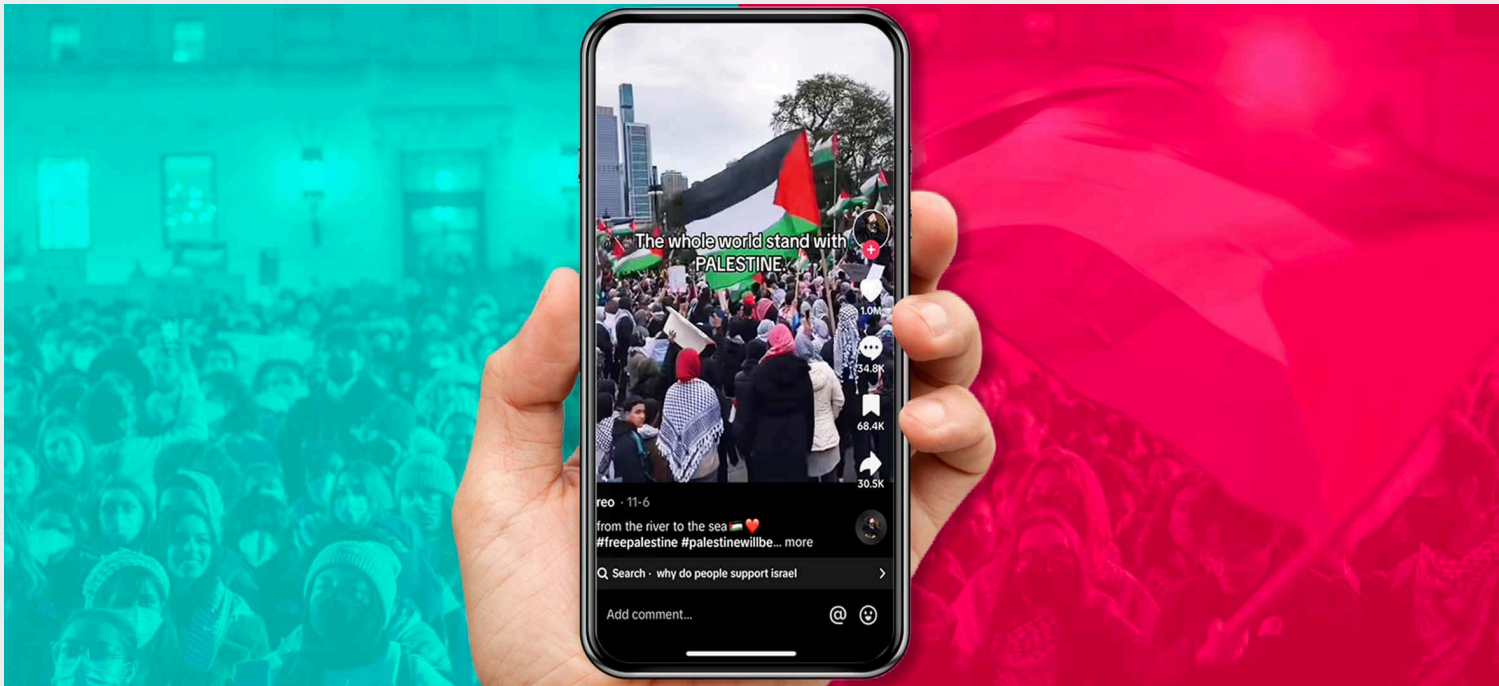
Donald Trump, gerou inúmeros memes sobre o “tiro na orelha” Foto: Getty Images



internacional

# Palestina e TikTok: O potencial de alcance da notícia

Aplicativo é usado como forma para pedir ajuda por Palestinos por meio de filtros interativos e vaquinhas virtuais



Alice Melo e Isabelly Feitosa

Foto por: Forward montage

Em meio ao prolongado conflito entre Israel e Palestina, o *TikTok* mostrou-se ser uma das principais ferramentas de mobilização e conscientização global. A plataforma, tradicionalmente conhecida por seu conteúdo leve e de entretenimento, se tornou uma arena para debates intensos, disputas narrativas e, principalmente, arrecadação de fundos em prol das famílias palestinas. Vídeos carregados de apelos emocionais, que antes competiam por visualizações com desafios de dança, agora trazem a urgência de uma outra realidade.



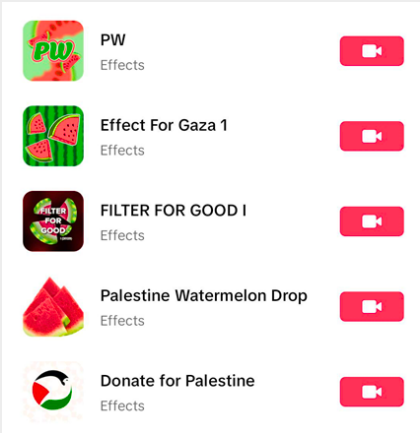
Tiktok "Please don't scroll"

Nos últimos meses, publicações com o título "Não role para baixo" ou "Por favor, veja até o fim" tornaram-se um "mantra" constante. Palestinos na Faixa de Gaza utilizam essas mensagens como última tentativa de captar a atenção do público e trazer visibilidade para sua luta diária pela sobrevivência.

Filtros interativos, como o "Stand with Palestine" e "Filter For Good", têm sido amplamente utilizados para promover o engajamento, incentivando os usuários a mostrar seu apoio à causa palestina de forma visual e pública. Esses filtros se tornaram virais, ajudando a dar uma sensação de pertencimento àqueles que, mesmo de longe, desejam demonstrar solidariedade. Além dos filtros, o *TikTok* se transformou em uma plataforma para pedidos de ajuda financeira. Criadores de conteúdo palestinos postam vídeos diretamente da zona de conflito, muitas vezes mostrando famílias devastadas, prédios destruídos e a falta de recursos básicos. Essas postagens estão frequentemente vinculadas a campanhas de arrecadação em plataformas como o *GoFundMe*, que, segundo a organização *Operation Olive Branch*, arrecadou mais de US\$ 225 milhões desde o início do conflito, em outubro de 2023. De acordo com a organização, o número de doações atingiu uma escala impressionante, ajudando milhares de famílias palestinas a buscar refúgio ou, ao menos, tentar sobreviver à escassez de alimentos e medicamentos.

## O impacto dos criadores de conteúdo e músicos

O envolvimento de artistas e músicos independentes na causa também trouxe uma dimensão inédita ao conflito. Alguns lançaram músicas cujos lucros foram integralmente revertidos para doações destinadas à causa palestina como Hind's Hall, do rapper americano Macklemore. Essas ações ajudaram a amplificar o impacto social e financeiro, permitindo que o *TikTok* não só promovesse a conscientização, mas também se tornasse um canal direto para mudanças concretas. No entanto, essa mobilização digital enfrenta desafios. Conforme o conflito se arrasta e a tragédia se torna uma realidade cotidiana, muitos usuários relatam que suas postagens estão recebendo menos visibilidade.



Filtros interativos em apoio à palestina

Isso, segundo especialistas, pode ser atribuído ao algoritmo do *TikTok*, que tende a penalizar conteúdos de natureza política ou sensível, favorecendo vídeos que mantêm os usuários entretidos por mais tempo. Laura Edelson, pesquisadora da Universidade de Northeastern, afirma que o *TikTok* busca evitar ser visto como uma plataforma de debates políticos, preferindo destacar vídeos de entretenimento, como vlogs e desafios.

## Desinformação e disputa de narrativas

A plataforma também se tornou um campo de batalha para a disseminação de informações. De um lado, usuários e ativistas pró-Palestina tentam angariar apoio com vídeos que mostram a destruição e os apelos emocionais. Do outro, vozes pró-Israel promovem suas próprias narrativas, muitas vezes contradizendo as informações ou minimizando os impactos do conflito. Essa disputa de narrativas leva a uma polarização crescente entre os usuários e levanta questões sobre a responsabilidade das redes sociais na disseminação de informações verídicas. Enquanto o *TikTok* conecta a causa ao mundo, o desafio é manter a atenção e credibilidade do público.

## internacional

# Reino Unido permite negar atendimento à pacientes racistas e violentos

Medida que permite recusa de atendimento a pacientes racistas contrasta com os dilemas éticos enfrentados no Brasil, como caso do Hospital São Camilo.



Cartaz “enfrente o racismo” em onda de protesto do Reino Unido Foto: EFE/EPA/ANDY RAIN

Alice Melo e Isabelly Feitosa

Em 6 de agosto, o RCN (Royal College of Nursing) emitiu novas diretrizes concedendo aos profissionais médicos permissão para se recusarem a tratar pacientes que eles percebam como racistas. As novas diretrizes são uma resposta aos violentos tumultos que tomaram conta de partes da Inglaterra e Irlanda do Norte no início daquele mês. Eles eclodiram após o ataque com faca em Southport no final de julho, no qual três meninas de 7 a 9 anos foram mortas em um workshop de dança. Nos dias após o trágico incidente, dezenas de protestos irromperam em vários locais ao redor do país.

Várias das manifestações irromperam em tumultos depois que uma campanha de desinformação alegando que o suspeito fosse migrante muçulmano ou requerente de azilo gerou indignação em agitadores da extrema direita. As diretrizes do RNC legitimam especificamente a negação de atendimento a um paciente se esse paciente exibir “comportamento discriminatório, incluindo racismo” em resposta. Antes da publicação das novas diretrizes, Nicola Ranger, secretária-geral e diretora executiva do RCN, emitiu uma declaração denunciando o “racismo desprezível” visto durante os tumultos.

“Como uma organização antirracista”, ela declarou, “o RCN assumirá um papel de liderança no combate a esse ódio”. A decisão do Royal College of Nursing de permitir que profissionais de saúde se recusem a atender pacientes racistas levanta questões complexas sobre ética, direitos humanos e a prática médica. A revista de política britânica Spiked, junto de alguns internautas, foram totalmente contra a decisão do conselho, explicando que afeta diretamente o compromisso médico de atender qualquer paciente que procure ajuda “Os líderes do RCN realmente não veem isso pelo lixo que é? Mais importante ainda, não percebem que isso mina o princípio que está na base da prática dos cuidados de saúde: colocar as necessidades do paciente em primeiro lugar – acima e além dos interesses de terceiros?”.

## O Código de Ética Médica e os limites do atendimento

No Brasil, o Código de Ética Médica afirma que nenhum paciente pode ser discriminado por qualquer motivo, mas permite a recusa de atendimento em situações que coloquem em risco a integridade física ou moral do profissional. Além disso, a legislação brasileira

exige que emergências sejam atendidas para evitar a configuração de omissão de socorro, que é crime previsto no Código Penal.

No Reino Unido, o posicionamento do RCN (Royal College of Nursing) gerou debates sobre o impacto da decisão nos direitos humanos e na relação entre pacientes e profissionais de saúde. Para a organização, enfermeiros não devem ser obrigados a suportar abusos em seus ambientes de trabalho, mas críticos afirmam que a medida pode prejudicar o princípio fundamental de universalidade do atendimento no sistema de saúde público britânico (NHS).

## Racismo e discriminação no atendimento médico

Casos de racismo no atendimento médico, tanto no Brasil quanto no Reino Unido, revelam barreiras institucionais e culturais que dificultam o acesso à saúde de qualidade para grupos marginalizados. Um relatório do NHS destacou que pacientes negros no Reino Unido têm maior probabilidade de relatar experiências de discriminação no sistema de saúde. No Brasil, estudos mostram que mulheres negras recebem menos anestésias em partos ou enfrentam mais tempo de espera no atendimento em situações de emergência.

No Hospital São Camilo, por exemplo, uma paciente teve a aplicação de um DIU recusada sob alegação de que a prática contrariava os princípios religiosos da instituição católica. Embora o caso não envolvesse racismo diretamente, ele reflete como crenças pessoais ou institucionais podem afetar a neutralidade do atendimento.

A decisão do RCN (Royal College of Nursing) no Reino Unido traz à tona um dilema que reverbera globalmente: como equilibrar a proteção dos profissionais de saúde e o acesso universal ao atendimento? No Brasil, onde o racismo estrutural é um tema amplamente discutido, o desafio recai sobre garantir que práticas discriminatórias não perpetuem desigualdades históricas no sistema de saúde.

Casos emblemáticos, como o do Hospital São Camilo e as políticas do NHS, destacam a necessidade de um debate internacional sobre ética médica. À medida que sistemas de saúde enfrentam desafios relacionados à discriminação, a troca de experiências e a colaboração global devem ser instrumentos valiosos para alcançar um atendimento mais justo e igualitário.



## ciência

# Fogo e clima: o alerta de um sistema em colapso

Como o Brasil enfrenta o aumento de incêndios em meio às mudanças climáticas?



Grazielle Franca

Estadísticas recentes da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), mostram que, em 2023, os incêndios florestais destruíram mais de 10 milhões de hectares em todo o mundo, com um aumento de 30% em relação ao ano anterior. No Brasil, os dados são alarmantes: o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) registrou um aumento de 20% nos focos de incêndio em relação a 2022, totalizando mais de 90 mil ocorrências até agosto. As florestas tropicais, especialmente a Amazônia, enfrentam uma pressão crescente, com os incêndios sendo impulsionados por desmatamento e práticas agrícolas insustentáveis.

A Amazônia, conhecida como "pulmão do mundo", é particularmente vulnerável. Estudos do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) indicam que os incêndios na região liberam cerca de 1,7 bilhões de toneladas de carbono anualmente, exacerbando as mudanças climáticas. Além de liberar carbono, os incêndios geram uma densa fumaça, que prejudica gravemente a qualidade do ar. Essa poluição atmosférica pode causar uma série de problemas de saúde, incluindo doenças respiratórias, agravamento de condições pré-existentes, e até mortes prematuras.

A deterioração da qualidade do ar é especialmente preocupante em áreas urbanas e periurbanas, onde a concentração de poluentes aumenta o risco de problemas de saúde pública. A fumaça dos incêndios contém partículas finas (PM2.5) que podem penetrar nos pulmões e entrar na corrente sanguínea, causando inflamações e outras complicações de acordo com American Lung Association. Além disso, a poluição do ar afeta grupos vulneráveis, como crianças e idosos, que são mais suscetíveis a doenças respiratórias.

De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA), as contribuições significativas para a escalada de incêndios no Brasil vieram de fatores antropogênicos como urbanização descontrolada e desmatamento. A facilidade com que as florestas se tornam alvos de incêndios é exacerbada por políticas inadequadas de proteção ambiental e pressões econômicas para explorar a terra. O impacto dos incêndios no Brasil se estende muito além da devastação ambiental.

Comunidades são submetidas a evacuações obrigatórias, sofrem reveses econômicos consideráveis e enfrentam riscos à saúde pública.

A qualidade do ar em declínio representa risco à saúde de todos,

enquanto vários indivíduos perdem suas residências e meios de subsistência.

De acordo com o INPE várias medidas foram tomadas por governos e comunidades para lidar com os incêndios recentes. A implementação de tecnologias de monitoramento, incluindo imagens de satélite, tem sido crucial. Embora a tecnologia auxilie na detecção precoce e na resposta a incêndios, uma abordagem coesa continua sendo vital. Regiões como o Pantanal e a Amazônia estão desenvolvendo iniciativas de reflorestamento e recuperação de áreas queimadas.

Muitas comunidades estão unindo forças para restaurar os ecossistemas e aumentar a conscientização sobre a importância da conservação. Organizações como o Instituto de Conservação e Desenvolvimento Sustentável da Amazônia (IDESAM), a SOS Amazônia e o Instituto Arara Azul têm sido fundamentais nesse processo, atuando com projetos de restauração de áreas degradadas e educação ambiental.

A urgência de ações coordenadas para mitigar os efeitos das alterações climáticas e prevenir futuros incêndios no Brasil é clara.

futuros incêndios no Brasil é clara. A conscientização e a educação ambiental são fundamentais para reduzir riscos e promover um futuro mais sustentável. A relação explosiva entre incêndios florestais e mudanças climáticas exige atenção imediata e comprometimento de todos os setores da sociedade.





## ciência

# Energia limpa: avanços, desafios e o caminho para um futuro sustentável

A transição sustentável está em curso, com desafios. A energia limpa é crucial para o futuro.



Grazielle Franca

Nos últimos anos, inovações em energia solar e eólica transformaram o setor. Os custos dos painéis solares caíram cerca de 90% desde 2010, enquanto a eficiência das turbinas eólicas aumentou. Em 2022, mais de 30% da eletricidade global já vinha de fontes renováveis, um marco que, segundo dados da Agência Internacional de Energia (AIE), mostra a viabilidade dessas tecnologias.

Um exemplo é Rafael Benetton, cofundador da Solar 365, que comenta: “Investir em energia solar é uma decisão que traz benefícios econômicos e ambientais. Nossos clientes têm visto economias nas contas de energia, enquanto ajudam a preservar o planeta.”

Governos em todo o mundo estão implementando políticas para acelerar essa transição. Em 2021, os investimentos globais em energia limpa ultrapassaram 500 bilhões de dólares, refletindo um compromisso com a sustentabilidade. A Alemanha, por exemplo, lançou o programa “Energiewende”, que visa transformar a matriz energética do país até 2045.

Além disso, países como a China estão na liderança, oferecendo incentivos fiscais e subsídios que impulsionam o crescimento das energias

renováveis. Em 2021, a China foi responsável por 50% dos novos investimentos em energia solar, segundo dados da Agência Internacional de Energia (AIE).

Exemplos de sucesso na adoção de energia limpa também podem ser encontrados na Dinamarca e Costa Rica. A Dinamarca gerou mais de 60% de sua eletricidade a partir de fontes renováveis em 2021, enquanto a Costa Rica passou 300 dias consecutivos utilizando apenas energia limpa. “A energia renovável não é só uma necessidade; é uma oportunidade para inovar e crescer”, destacou a Presidente da Costa Rica, Laura Chinchilla, durante uma conferência de clima.

No Brasil, essa transformação também chegou a comunidades isoladas. Felipe Souza, morador de um povoado em uma cidade da Bahia, compartilhou as mudanças que a chegada dos cataventos de energia eólica trouxe para sua comunidade: “A instalação dos cataventos trouxe melhorias para o nosso povoado. Aqui, onde nem as ruas são asfaltadas, tudo era mais complicado — desde a energia e a internet até o acesso à água.”

Até 2016, enfrentávamos problemas com a eletricidade, a ponto de nem conseguirmos ter internet. Mas com a chegada dos cataventos e das empre-

sas de instalação, a energia se tornou mais estável, as oportunidades de emprego aumentaram e, finalmente, sentimos que estamos sendo vistos pelas pessoas de fora. Essa energia limpa fortaleceu a economia local e abriu novos caminhos para nosso futuro.

*“Estamos fazendo isso não apenas para o presente, mas para as gerações futuras”, afirma a Ministra do Meio Ambiente, Steffi Lemke.*

Apesar dos avanços, a indústria de energia limpa ainda enfrenta desafios. A falta de infraestrutura para integrar fontes renováveis nas redes elétricas resulta em perdas de até 40% da energia gerada. Especialistas destacam a importância de investir em tecnologia de armazenamento e modernização das redes para mitigar essas perdas. O especialista em energia renovável José Goldemberg alerta que a energia renovável é a chave para o desenvolvimento sustentável e a luta contra as mudanças climáticas. Outro obstáculo são os custos iniciais de implementação, especialmente em regiões em desenvolvimento. Um estudo do Banco Mundial indica que 800 milhões de pessoas ainda não têm acesso à eletricidade, destacando

a necessidade de tornar essas tecnologias acessíveis. Com previsões de crescimento de 50% no setor nos próximos cinco anos, o futuro da energia limpa promete inovações.

Tecnologias emergentes, como o hidrogênio verde e baterias de fluxo, estão se destacando. “O hidrogênio verde pode se tornar a espinha dorsal de uma economia de baixo carbono”, afirma a Dra. Jennifer Holmgren, CEO da LanzaTech.

A pesquisa e a implementação de energia limpa são essenciais para a construção de um futuro sustentável. Apesar dos desafios, os avanços tecnológicos e as políticas públicas mostram um caminho para um planeta mais verde. Como ressaltou o ex-presidente Barack Obama em 2008: “A mudança não virá se esperarmos por alguém. Nós somos aqueles por quem estávamos esperando.”

Com o compromisso com a inovação e a sustentabilidade, a transição energética continua a evoluir e a trazer esperança para as comunidades em todo o mundo.



# A revolução energética da cana em São Paulo

De um simples cultivo colonial à base de uma nova era energética, a cana-de-açúcar impulsiona a produção de hidrogênio verde, posicionando o estado como um pioneiro sustentável no cenário global.



Bruna Margô

A cana-de-açúcar é, há séculos, uma das culturas mais importantes para a economia de São Paulo. Desde os tempos coloniais, o estado se destacou como um dos principais produtores de açúcar no Brasil, e, ao longo do tempo, essa cultura evoluiu para além dos engenhos e alambiques, transformando-se em uma peça-chave no setor de energia renovável. A produção de açúcar, que antes servia quase exclusivamente ao consumo alimentício e à exportação, passou por uma série de transformações que culminaram na produção de etanol e, mais recentemente, no desenvolvimento de hidrogênio verde.

### Do açúcar ao etanol

O cultivo da cana-de-açúcar começou a se consolidar em São Paulo ainda no século XVI, quando a colônia portuguesa enxergou no Brasil um território propício para a plantação e exportação de açúcar para a Europa. A expansão da cultura foi gradual, acompanhando a história do estado, com períodos de auge e declínio. No século XIX, a cana já era um dos motores da economia pau-

lista, e, ao longo do século XX, tornou-se o centro de inovações tecnológicas que transformaram a indústria do açúcar.

Foi nos anos 1970, em meio a uma crise internacional do petróleo, que a cana-de-açúcar de São Paulo ganhou um novo papel: o de matéria-prima para a produção de etanol. O Programa Nacional do Alcool (Proálcool) incentivou a produção de etanol como combustível alternativo, visando reduzir a dependência do petróleo importado. O etanol, um biocombustível derivado da cana, consolidou-se como uma opção mais limpa e sustentável para o setor de transportes. Desde então, São Paulo se tornou o maior produtor de etanol no Brasil, exportando tecnologia e conhecimento para o mundo.

Segundo a diretora executiva do Instituto Internacional Arayara, Nicole Oliveira, “o etanol foi uma verdadeira revolução na matriz energética brasileira. Ele não só diminuiu nossa dependência do petróleo, como também nos colocou na vanguarda da produção de biocombustíveis, o que foi fundamental para o desenvolvimento de tecnologias que hoje olham para o hidrogênio verde.”

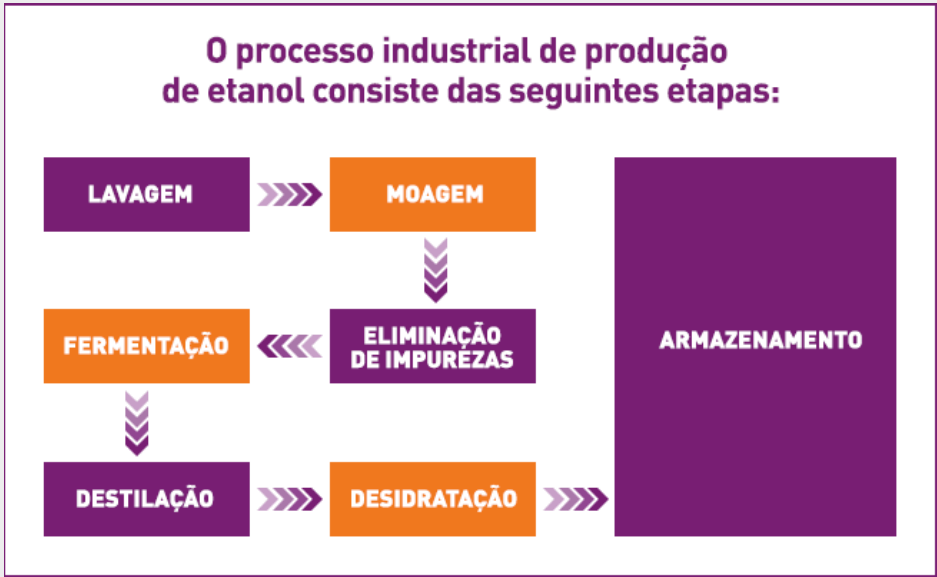
### O salto tecnológico

Nos últimos anos, a tecnologia de produção de energia a partir da cana-de-açúcar deu um novo salto com o desenvolvimento do hidrogênio verde. Diferente do hidrogênio convencional, que é produzido a partir de fontes fósseis, o hidrogênio verde é obtido de for-

ma sustentável, utilizando a biomassa da cana-de-açúcar. A inovação tecnológica permite que o resíduo da produção de etanol — como o bagaço da cana — seja convertido em energia através de processos de eletrólise, utilizando fontes renováveis, como energia solar e eólica.

Para Mateus Lopes, diretor de transição energética e investimentos da Raízen, a aposta no hidrogênio verde é um caminho natural. “A biomassa da cana já demonstrou seu potencial na produção de etanol e energia elétrica. O próximo passo é utilizar esse recurso para criar hidrogênio verde de forma viável e sustentável, contribuindo para a descarbonização da matriz energética brasileira.”

Essa tecnologia avançada está prestes a ganhar um novo capítulo em São Paulo, com a inauguração do primeiro posto de hidrogênio verde do país, localizado no campus da USP, no Butantã. A iniciativa é fruto de uma parceria entre a Raízen, uma das maiores produtoras de energia renovável do mundo, e outras empresas do setor, que enxergam no hidrogênio verde o futuro da matriz energética sustentável.





ciência

As interconexões

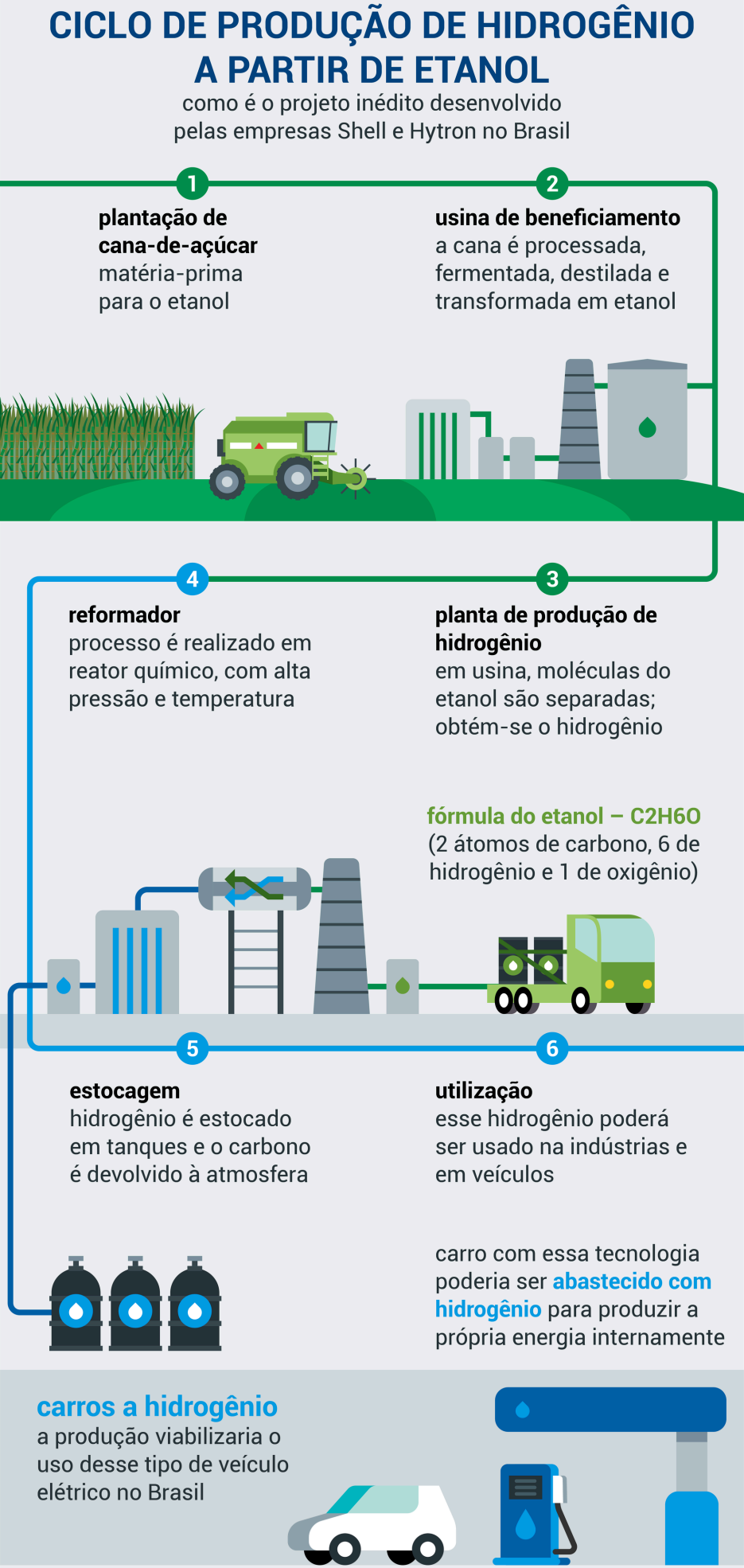
A conexão entre açúcar, etanol e hidrogênio verde está no potencial multifuncional da cana-de-açúcar. Ao longo dos anos, os produtores de São Paulo desenvolveram maneiras de aproveitar integralmente a planta. A produção de açúcar continua sendo uma atividade econômica relevante, mas o desenvolvimento do etanol abriu um novo mercado que se consolidou nas últimas décadas, especialmente com a popularização dos veículos flex no Brasil. Agora, o hidrogênio verde surge como uma nova fronteira, potencialmente capaz de transformar o setor energético.

“A cadeia produtiva da cana é um exemplo perfeito de economia circular”, afirma a pesquisadora Suzana Kahn, diretora da Coppe/UFRJ. “O que antes era visto apenas como resíduo agora é uma matéria-prima valiosa para a produção de combustíveis de baixas emissões. O hidrogênio verde é o passo lógico nessa evolução, já que ele não gera emissões de carbono e pode ser utilizado em diversas indústrias.”

Impacto futuro e a relevância de São Paulo no cenário energético global

O desenvolvimento de tecnologias que permitem a produção de hidrogênio verde a partir da cana-de-açúcar coloca São Paulo, e o Brasil, em posição de destaque no cenário energético global. A utilização de biomassa para produzir energia sustentável não é apenas uma estratégia para diversificar a matriz energética, mas também para gerar empregos e fomentar a inovação tecnológica no setor agrícola e industrial.

O hidrogênio verde, em particular, é visto como uma das alternativas mais promissoras para descarbonizar setores como o transporte e a indústria, que tradicionalmente dependem de combustíveis fósseis. Para Lopes, o Brasil tem uma vantagem única: “Nós temos uma matriz



energética já muito limpa e recursos naturais abundantes. A cana-de-açúcar é um diferencial competitivo, porque podemos produzir hidrogênio verde a partir de fontes renováveis e com baixo custo.”

A transição para um sistema energético mais limpo, com o hidrogênio verde ganhando espaço, ainda enfrenta desafios. A tecnologia é nova e, embora promissora, depende de investimentos significativos em infraestrutura e pesquisa. O papel das universidades, como a USP, e de grandes empresas do

setor, como a Raízen, é essencial para viabilizar essa mudança.

“A transição para uma economia de baixo carbono depende de esforços conjuntos entre o setor público, privado e academia”, reforça a diretora executiva do Instituto Internacional Arayara, Nicole Oliveira. “São Paulo já é um polo de inovação nesse setor, mas precisamos seguir investindo em pesquisa e desenvolvimento para que o hidrogênio verde se torne competitivo e acessível.”

A cana-de-açúcar, que um dia foi a principal riqueza da economia

colonial, agora desponta como a base de uma nova era energética. O açúcar, o etanol e o hidrogênio verde são capítulos de uma mesma história, que tem São Paulo como protagonista. O caminho que começou com engenhos rudimentares chega ao século XXI com tecnologias que podem mudar o futuro da energia no Brasil e no mundo.

“Essa história é de inovação contínua, e São Paulo segue como um polo de pesquisa e desenvolvimento, investindo em novas formas de utilizar a cana-de-açúcar para impulsionar a economia e garantir um futuro mais limpo e sustentável”, afirma Suzana Kahn.

A expansão do hidrogênio verde também promete impulsionar a economia local, com a geração de empregos e a formação de profissionais especializados. Nicole Oliveira destaca que “a transição para energias limpas não é apenas uma questão ambiental, mas também econômica. O hidrogênio verde tem potencial para transformar o mercado de trabalho e criar novas oportunidades no campo e nas cidades.”

Com o hidrogênio verde ganhando força, o Brasil se posiciona como um dos líderes em energias renováveis. O interesse internacional pelo hidrogênio brasileiro é crescente, especialmente de países europeus que buscam reduzir suas emissões de carbono. A produção de hidrogênio verde a partir da cana-de-açúcar, com baixo custo e alta eficiência, pode se tornar um diferencial competitivo no mercado global.

“A história da cana-de-açúcar é, na verdade, a história da inovação no Brasil. A cada novo avanço, São Paulo reafirma seu papel de destaque nas energias renováveis, provando que a cana-de-açúcar, essa planta tão importante na nossa história, ainda tem muito a contribuir para o futuro energético do país e do mundo”, finaliza Nicole.



economia

# Quais os riscos ao investir sem experiência?

O crescente interesse dos jovens por investimentos esbarra na falta de educação financeira e na pressão social para ganhos rápidos



Izabel Santa Fé e Mariah Simões

O interesse dos jovens brasileiros por investimentos têm crescido significativamente nos últimos anos, impulsionado pelo fácil acesso à tecnologia e à informação financeira. No entanto, a falta de estrutura nas escolas e o tabu em torno do assunto ainda gera insegurança, levando grande parte dos jovens a cometer erros ao investir. Sem um planejamento adequado e ignorando a importância de compreender seu perfil de risco, muitos iniciam no mercado financeiro de forma precipitada.

Maria Eduarda Silva, de 20 anos, estudante de contabilidade em São Paulo, compartilhou suas dificuldades como investidora iniciante. “Foi difícil entender como planejar meus investimentos de acordo com meu perfil de risco. No começo, fui bem precipitada, investi em ações e criptomoedas só com base no que via nas redes sociais.”

Gustavo Cerbasi, especialista em finanças pessoais e autor de livros como “Casais Inteligentes Enriquecem Juntos” fala sobre a importância da educação financeira e alerta para a necessidade de orientação e educação para que essa geração aproveite melhor as oportunidades e minimize os riscos.

Murilo Pilozotti, investidor experiente e profissional da comunicação pública, enfatiza a importância da paciência e do estudo sobre o mercado financeiro.

Ele recomenda que os novos investidores comecem com cautela e evite concentrar todo o capital em um único tipo de aplicação. “A diversificação é essencial”. A educação financeira é essencial para o jovem compreender os investimentos.



Confira uma das reportagens na íntegra

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), constatou que apenas 24% dos jovens em países membros demonstram nível suficiente de educação financeira para tomar decisões seguras em investimentos. “Aprender com os erros faça parte do processo”, aponta Maria Eduarda.

### Imediatismo

Segundo a matéria “Os maiores erros dos jovens com o dinheiro – e como evitá-los”, publicada pelo InfoMoney, o imediatismo está entre os principais erros. A maioria busca ganhos rápidos e, com isso, acabam investindo em ativos de alta volatilidade, como ações ou criptomoedas, sem uma análise profunda ou compreensão dos riscos envolvidos.

“O imediatismo é um dos maiores problemas. Não é só uma questão de investir em ativos de alto risco, mas de não saber lidar com as emoções. O mercado financeiro exige frieza e estratégia” concorda Murilo.

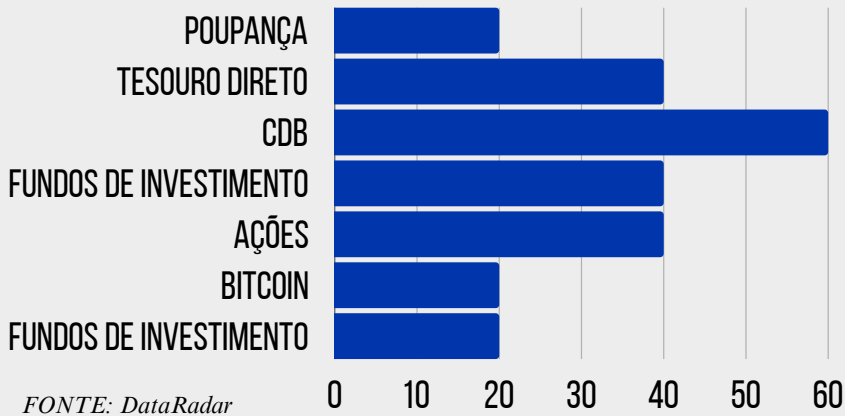
*“Já vi muita gente desistir logo depois do primeiro tombo, o aprendizado está em saber esperar e ajustar a rota.”*

### Falta de planejamento

A falta de planejamento financeiro também é um erro frequente. Os investimentos costumam iniciar sem definições de metas claras ou sem entendimento do perfil de investidor.

Uma pesquisa recente da CNDL, SPC Brasil e Sebrae mostrou que 47% dos jovens brasileiros entre 18 e 24 anos não se sentem seguros na administração de suas finanças pessoais.

### PESQUISA - INVESTIMENTOS POPULARES ENTRE JOVENS





## economia



### Endividamento Excessivo

Outro erro comum é o endividamento excessivo. Alguns jovens assumem dívidas para realizar grandes compras, como automóveis, comprometendo parcelas significativas de sua renda. Isso limita a capacidade de poupar e investir de forma eficaz, além de aumentar a pressão financeira com juros elevados.

A negligência na criação de um fundo de emergência é outro fator que prejudica o sucesso dos jovens investidores. Ao não ter uma reserva financeira para imprevistos, diversos jovens acabam sendo forçados a vender seus investimentos em momentos inadequados, perdendo assim oportunidades de crescimento no longo prazo.

Em uma entrevista com o estudante de economia João Alfredo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) foi possível entender os meios em que os investimentos são apresentados aos jovens atualmente.

Em suma, a educação é a fonte mais precária para se recorrer a recursos.

Por intermédio da sondagem realizada pelo Radar São Paulo, 40% dos jovens afirmaram ter aprendido sobre finanças

assistindo a vídeos no YouTube, enquanto 20% buscaram esse conhecimento por meio das redes sociais. Para mais, foi identificado que 80% dos entrevistados utilizam bancos digitais, dentre eles 60% usa o Certificado de Depósito Bancário (CDB) como fonte de investimento. Isso ocorre porque a CDB tem se apresentado como a fonte mais rápida para lucros em pouco tempo. Atualmente, existem diversas opções de investimentos disponíveis no mercado, cada uma com características e níveis de risco distintos. Os principais tipos de investimentos incluem renda fixa, renda variável, fundos de investimento, imóveis e investimentos alternativos, como criptomoedas.

**“Façam  
planejamento  
financeiro. [...] Não tenham  
medo de errar!”**

Apesar do crescente interesse dos jovens brasileiros em investir, a falta de conhecimento sobre o mercado financeiro ainda é um desafio. A pesquisa da OCDE confirma que a educação financeira nos jovens brasileiros está abaixo da média dos países desenvolvidos. A busca por informações superficiais nas redes sociais e a falta de planejamento são os principais obstáculos. Para mudar esse cenário, é fundamental investir em educação financeira desde cedo.

Escolas, universidades e instituições financeiras devem oferecer programas que abordem de forma clara e objetiva os conceitos básicos de investimentos, como risco, retorno e diversificação. Além disso, plataformas digitais e conteúdos educativos de qualidade podem complementar o aprendizado e tornar o tema mais acessível aos jovens. Porém é importante saber qual meio é confiável para estudar.

Murilo também destaca a importância da paciência e do estudo contínuo.

"Meu conselho é: comece pequeno, estude muito e não coloque todo o seu capital em um único tipo de investimento. Diversificação é a chave",

**“Se baseiam em  
informação nas  
plataformas  
digitais”**

Atualmente, existem diversas opções de investimentos disponíveis no mercado, cada uma com características e níveis de risco distintos. Os principais tipos de investimentos incluem renda fixa, renda variável, fundos de investimento, imóveis e investimentos alternativos, como criptomoedas.



Acesse o QR Code e confira os tipos de investimentos disponíveis no mercado.



## cidade

## Feiras Paulistanas: Tradição e Cultura

Mais que comércio, as feiras paulistanas promovem cultura, sustentabilidade e fortalecem a economia local



Adilene Anjos e Bianca Melhorine

As feiras livres de São Paulo, que têm suas origens em 1914, vão além de simples mercados. Elas são espaços de convivência, resistência e troca cultural, enfrentando desafios como o desperdício de alimentos e a competição com os supermercados.

Vendendo de tudo, de frutas a artesanato, as feiras oferecem não apenas produtos frescos, mas também uma experiência única de socialização e troca cultural.

As feiras livres são verdadeiros ícones da cultura paulistana. Com raízes que remontam a 1914, quando o prefeito Washington Luiz regulamentou essa prática já existente, a primeira feira oficial foi realizada no Largo General Osório, com apenas 26 feirantes.

Hoje, a cidade conta com mais de 955 feiras, que fazem parte do dia a dia dos paulistanos. Esses espaços não são apenas locais de venda de alimentos; são pontos de encontro e socialização. Além disso, as feiras se tornam um reflexo da diversidade da cidade, reunindo pessoas de diferentes culturas e classes sociais, que compartilham não só a compra de produtos, mas também a troca de experiências e saberes. A pesquisadora Milaine Aparecida Pichitelli, da USP, destacou que as feiras servem como um espaço de resistência do campo na cidade. "Nessas feiras, o consumidor consegue muito mais informações sobre os

produtos, pois compra direto do produtor. Isso não acontece no supermercado", afirma Milaine.

A experiência de compra é diferente, marcada pela interação direta com feirantes, que oferecem um ambiente descontraído. A consumidora Maria Aparecida, frequentadora, relata: "Além de poder comprar nas feiras, podemos passear e conversar com as pessoas. Os feirantes sempre são bem simpáticos e bem-humorados."

A demanda por mão de obra nessas feiras está aumentando, o que traz benefícios para a economia da região. Os consumidores, ao escolherem produtos frescos e de qualidade, ajudam a sustentar pequenos agricultores e feirantes, "Comprar alimentos nas feiras é melhor, os produtos são mais frescos e o preço é menor que o do mercado" diz Patrícia Souza frequentadora das feiras da região de Pirituba. Além disso, as feiras geram cerca de 36 mil empregos diretos e indiretos, fortalecendo a economia local e promovendo o desenvolvimento sustentável em diversas comunidades da cidade.

**"Comprar alimentos nas feiras é melhor, os produtos são mais frescos e o preço é menor que o do mercado"**

#### Sustentabilidade e Desafios

Apesar de as feiras estarem próximas à comunidade, existem desafios significativos, como o desperdício de alimentos. Em São Paulo, aproximadamente 33 milhões de toneladas de frutas, legumes e verduras são descartadas anualmente. Durante a "xepa", muitos produtos que poderiam ser consumidos acabam sendo descartados. Vera Lúcia, que trabalha no Jaraguá, comenta: "Não consigo ver famílias passando fome e simplesmente jogar fora o que não vende. Levo para quem precisa." A solução, segundo especialistas, poderia incluir maior incentivo ao reaproveitamento, como doação para instituições de caridade ou compostagem. Além do impacto social, essa prática reduziria os danos ambientais.



Feira livre da General Osório na década de 1940.



## cidade



### Feiras de Rua: Cultura, Arte e Gastronomia

As feiras de rua em São Paulo são um marco da cultura urbana, refletindo a diversidade e o dinamismo da cidade. Com uma história que remonta ao início do século XX, essas feiras desempenham um papel essencial na preservação de tradições e na geração de renda local.

As feiras de rua, espalhadas pela cidade, que reúnem pessoas para vender e comprar produtos, interagir e se divertir. Elas podem ser tradicionais ou mais descoladas, e geralmente reúnem uma grande variedade de produtos, como: frutas, legumes e verduras, artesanatos, antiguidades, móveis, roupas, discos, livros e comida.

Além disso, as feiras de rua também podem oferecer apresentações artísticas. Um dos exemplos mais tradicionais é a Feira da Liberdade, criada em 1975, que acontece aos finais de semana no bairro. Exibindo inicialmente artesanato de origem japonesa, expandiu-se para mostrar artigos orientais, pratos típicos das culinárias japonesa e ela oferece pratos típicos como: Yakissoba, Guioza, Takoyaki e Tempurá, além de artigos como plantas, acessórios e itens decorativos.



Tempurá

Outro destaque é a Feira do Bixiga, realizada na Praça Dom Orione. Conhecida por sua diversas ofertas de antiguidades, artesanato e móveis vintage, é o lugar ideal para quem busca itens exclusivos e peças históricas.

Já a Feira Benedito Calixto, em Pinheiros, combina arte, música e gastronomia em um ambiente descontraído. Além de antiguidades e obras de artistas independentes, é possível saborear comidas típicas brasileiras e internacionais, sempre ao som de apresentações musicais ao vivo.



CONHEÇA 5 FEIRAS

Essas feiras não apenas movimentam a economia local, mas também criam espaços de interação social, mostrando a multiculturalidade que define São Paulo. Seja para comprar, passear ou apreciar a riqueza cultural da cidade, as feiras de rua se tornam um lugar interessante de conhecer para os moradores e turistas da cidade.

Alguns frequentadores dessas feiras relataram o quanto gostam de visitar esses lugares aos finais de semana, elogiando a comida e os itens vendidos nelas.

As feiras são uma verdadeira celebração da vida em São Paulo. Elas combinam tradição, diversidade e sustentabilidade, ao mesmo tempo em que conectam comerciantes e consumidores em um ambiente único. Apesar dos desafios, as feiras seguem sendo um patrimônio cultural e econômico essencial para a cidade, promovendo convivência e acesso a alimentos frescos e de qualidade.

Seja para explorar a variedade de produtos, saborear um pastel com caldo de cana



Itens da Feira Benedito Calixto

São Paulo conta com mais de 800 feiras livres cadastradas pela prefeitura, funcionando principalmente de terça a domingo. A cidade também abriga feiras noturnas, ideal para quem tem uma rotina agitada e busca praticidade sem abrir mão da qualidade.

O estudo das feiras paulistanas revela sua relevância para a dinâmica da cidade, tanto no aspecto econômico quanto no social e cultural.

ou apoiar a economia local, as feiras paulistanas continuam a ser um ponto de encontro que valoriza a experiência humana em sua essência.

Além disso, elas têm um papel importante em manter vivas as tradições da cidade paulista, aproximando as pessoas e mostrando que, mesmo com tantas mudanças e modernidade, ainda é possível aproveitar momentos simples, cheios de significado, conhecimentos e experiências.



## esporte

# Nos campos do Bixiga, a primeira livraria esportiva de São Paulo

Com inspiração sul-americana, local no centro é o novo ponto de encontro para amantes do esporte.



Segundo o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), a média de livros lidos no Brasil é de quatro por ano.

Maria Fernanda Vilani, João Silvino e Mateus Maiellaro

A livraria Barrilete é o novo ponto de São Paulo para apaixonados por livros e esportes, a primeira livraria especializada em futebol da cidade fica localizada no bairro do Bixiga e é administrada por Carlos Eduardo Nakaharada, 37. Aberta a pouco mais de dois meses, o local tem tomado conta das redes sociais, mas a ideia é trazida de outro país sul-americano.

advogado buscando novo rumos, Carlos Eduardo conta que a ideia de seu primeiro empreendimento veio depois de uma viagem pela América do Sul: “Durante a pandemia eu resolvi mudar um pouco os rumos da minha carreira, eu fui para Montevideu, para a final da Libertadores 2021, de lá eu fui para Buenos Aires, atravessei o Rio da Prata, e aí eu vi que tanto em Montevideo quanto em Buenos Aires tinham livrarias especializadas no futebol, e aí eu resolvi trazer essa ideia para São Paulo também.”

Em uma curadoria apurada, a livraria conta com edições de clássicos, lançamentos e escritas independentes, mas todas voltadas a

para o mesmo propósito: a paixão pelo esporte mais popular do país. A escolha da localização do empreendimento também foi feita tido, Bixiga é um grande polo cultural da cidade e Carlos fala sobre a vontade de retornar a essência do tradicional bairro da capital, e mesmo que num futuro próximo, já pense na expansão, permanecer no centro é indispensável: “A gente quer crescer, não queremos largar o bairro. Se a gente for se mudar, vamos nos mudar para outra casa maior aqui no Bixiga, e a gente quer atrair escritores, autores para fazer lançamentos, eventos, tarde de autógrafo, e consolidar como um ponto de encontro de gente que gosta de futebol.”

Com um boom nas plataformas digitais, a livraria recebe um público médio de 10 visitantes por dia, mas os livros não são a maior fonte de renda do local, a paixão por lá também é outra: a cerveja. Carlos nos conta que para além de um lugar de acervo, a intenção é criar um espaço onde torcedores possam acompanhar os jogos dos mais

diversos campeonatos do mundo e trocar figurinhas de conteúdo com outros admiradores, e para isso, nada melhor do que estar acompanhado de uma gelada: a gente quer um ponto de encontro de gente que gosta de futebol, gosta de conversar sobre futebol, a cerveja é um combustível, diz o sócio.

**“A gente quer crescer, não queremos largar o bairro.”**



CONHEÇA A LIVRARIA



A fachada ostenta camisetas de coleção pessoal do dono. / Foto: Reprodução



## esporte

# Punho Cerrado - Futebol contra o fascismo e por um novo mundo

Criado em 2020, o clube da várzea paulistana vai muito além das quatro linhas.

Maria Fernanda Vilani, João Silvino e Mateus Maiellaro

Futebol e política não se misturam? Ao redor do mundo, a história sempre provou o contrário, e em tempos de conflitos cada vez mais intensos, o Punho Cerrado Futebol Clube é mais um exemplo de como os dois fenômenos estão totalmente interligados.

Fundado em 2020, o clube da numerosa várzea de São Paulo nasceu com uma iniciativa que rompe as quatro linhas. Um dos mentores do projeto é o professor Rafael Blessa, que narrou a trajetória da equipe, começando pelas motivações que levaram ao surgimento.

“O Punho Cerrado surge como um time que tem como proposta fazer oposição aquilo que representa o Governo Bolsonaro, eleito em 2018. Comigo que sou professor, alguns ex-alunos e um amigo meu. A gente jogava rachões entre amigos, e a ideia veio a partir de quando conhecemos outros times que também carregavam uma bandeira política, e se intitulam como antifascistas; juntando amigos meus que tem a mesma visão política, de criar um mundo mais justo e solidário”

O primeiro encontro ocorreu em março de 2020, às vésperas da pandemia de Covid-19 no Brasil, e Rafael descreveu bastidores ocasionados pela crise sanitária.

“Dez dias depois veio o lockdown, a pandemia, e toda a organização começou a ser feita à distância, a gente pensando em uniforme, bandeira, o nome do time. Os próximos meses foram de organização, e com certeza,

foi um grande desafio para manter o projeto de pé. Acho que isso mostra a força (do projeto), ter conseguido manter com os desafios que a pandemia impôs.

Ao ser perguntado sobre a ausência de um posicionamento mais direto de personalidades do futebol em questões políticas, ele ressaltou a questão da polarização no país, e como o esporte está muito ligado ao dinheiro; para clubes grandes, assumir determinadas pautas traz o risco da perda de público e de patrocínios.

Em relação a posicionamentos na várzea, Rafael se refere também a consciência social: “São poucos os times que assumem esse posicionamento, até por uma questão de consciência, as pessoas não têm essa consciência social, para pensar politicamente. Mas existem clubes que fazem trabalhos locais, um trabalho

mais social, que não é muito o que o Punho pensa, que é um processo de educação pra emancipação, pra transformação social, e não aquele espírito de ser caridoso.”

E continua “O Punho é formado por pessoas pobres e que também não tem condição de ajudar as outras. E tem esse simbolismo, com certeza, tanto que todo o nosso escudo, as frases que carregamos [...] no uniforme número 1, na manga, está escrito “Uni-vos”, que é o final do Manifesto do Partido Comunista, e na outra camisa está escrito fogo nos racistas, e o nome das pessoas que lutaram contra o racismo e a escravidão. A gente carrega esses nomes como se fosse dos jogadores.” A respeito de espectro político, o Punho Cerrado se auto intitula como um clube de esquerda. No entanto, o professor afirma que não há nenhum partido por trás do projeto, seja nas ideias defendidas ou em questões financeiras.

Ele prossegue exaltando que o clube não exclui e nem rejeita membros que possuam outras opiniões: “O Punho não impede que nenhuma outra pessoa, de outra ideologia, venha jogar. A gente entende que faz parte de um processo educativo. Se alguém é de direita, mas é próximo (de nós) e quer jogar com o Punho, essa pessoa vai ser muito bem-vinda. A gente entende que quer fazer a transformação social, e não adianta falar só pra quem pensa igual a gente. Precisamos falar pra quem pensa diferente, e entendemos que o futebol é uma ferramenta de transformação social”.

Dentro das quatro linhas, o Punho Cerrado disputa competições que carregam a bandeira antifascista, como a Liga Eduardo Galeano e a Copa 1º de Maio. O clube almeja disputar outros torneios dentro da várzea, que “fujam da bolha” de pensamento, como afirmou Rafael, tendo o objetivo de expandir as ideias e simbolismos do projeto.

Ele expressa o desejo de receber uma



Partida entre Punho Cerrado e União Lapa, em agosto de 2023. O Punho jogou com homens e mulheres juntos. / Foto: Reprodução - Instagram



esporte

mídia maior, e reconhece dificuldades: “A gente gostaria de ter (uma mídia), mas entende que é um processo muito difícil, visto que no Brasil, existem milhares de times de várzea, e o Punho sem financiamento torna isso muito mais difícil”.

“O Punho se autofinancia com a mensalidade dos jogadores, com a venda de uniformes em épocas específicas do ano. Temos uma loja, a Loja Punho Cerrado, onde vendemos camisetas com a temática

antifascista, com estampas criadas pelo Gustavo, um amigo que fundou o time comigo e é designer. A partir da loja, a gente acaba tendo algum dinheiro que volta pro time”

Ele prossegue: “As vendas dessa loja ainda são muito baixas, não temos tempo dedicado suficiente para fazer se movimentar (a loja) e financiar o time. Nenhuma outra doação a gente consegue, a não ser

a própria mensalidade dos jogadores”.

Apesar das dificuldades, Rafael e o Punho Cerrado almejam voos mais altos a curto e longo prazo.

“A gente tem ideia de melhorar essa loja, para que financie o time, e talvez buscar algum tipo de incentivo, via Lei de Incentivo à Cultura, Lei de Incentivo ao Esporte, ou alguma marca que queira patrocinar, para que possamos ter uma melhor condição. Fazer treinos, que a gente não faz, pagar inscrições de campeonatos”.

Por fim, o professor exaltou as principais motivações do Punho Cerrado Futebol Clube.

“As grandes motivações do projeto, com certeza, é fazer a transformação social. Só que a gente entende que essa

transformação é feita a longo prazo, é um projeto que está pensando questões que vão para além de soluções imediatistas, mas que são soluções que demandam tempo, que são um trabalho de formiguinha”, finaliza.



Punho Cerrado 2 x 2 Centenário, em setembro de 2022



Camisa 10 do Punho Cerrado, com o nome da escritora Carolina Maria de Jesus / Foto: Reprodução - Instagram

TIE BREAK por João Silvino

Luto em Campinas: Guarani e Ponte caem

O futebol de Campinas confirmou o ano mais sombrio de sua centenária história: com a derrota de 4x0 para o Sport, e a combinação de resultados da 37ª rodada na Série B, a Ponte Preta se juntou ao Guarani, e os dois eternos rivais caem abraçados para a terceira divisão do Campeonato Brasileiro. O Bugre amarga seu terceiro rebaixamento à Série C, enquanto a Macaca volta à divisão após 34 anos.



Foto: Reprodução

BR 2025 na TV: revolução para os torcedores

O ano de 2025 será marcado por uma mudança na forma de o torcedor assistir ao futebol. Depois muitos anos de monopólio da Rede Globo, o Campeonato Brasileiro passará por uma revolução na TV aberta: a Record volta a transmitir após 18 anos, ao adquirir o pacote da Liga Forte União. O resultado será uma divisão das partidas com a Globo, que comprou os direitos da Libra.



Foto: Reprodução

Portuguesa avança para se tornar SAF

Um dos clubes mais tradicionais do futebol paulista caminha à passos largos em sua reconstrução: o Conselho Deliberativo da Portuguesa aprovou a venda de sua SAF (Sociedade Anônima do Futebol) pelo valor de R\$1 bilhão, e com um projeto esportivo ambicioso: os investidores pretendem devolver a Lusa para a Série A do Brasileirão até 2029.



Foto: Reprodução

Rafael Nadal se despede das quadras

O tênis mundial se despediu de uma lenda. O espanhol Rafael Nadal se aposentou após a eliminação na Copa Davis.

Dono de 92 títulos de ATP e 1080 vitórias, o agora ex-tenista não conteve a emoção antes do último jogo, na derrota para o holandês Botic Van de Zandschuij. Nadal se despede como o maior vencedor de Roland Garros, com 14 conquistas.



Foto: Reprodução



## esporte

# Impulsionada pelas redes sociais, corrida de rua vira xodó entre os brasileiros

Hábito em busca de uma vida mais saudável aumentou de maneira significativa no país.

Maria Fernanda Vilani, João Silvino e Mateus Maiellaro

Nos últimos dois anos, a crescente da corrida de rua emplacou dados astronômicos, chegando a cerca de 13 milhões de atletas, e mais de 150.000 corridas de rua, segundo números da Ticket Sports, maior plataforma de venda de inscrições para eventos esportivos. Por volta de Junho de 2023, muitos brasileiros optaram por trocar a balada na sexta-feira pela corrida matinal no sábado de manhã, contribuindo para que se tornasse o esporte mais popular do ano, e como resultado, gerando uma consolidação em 2024. No mês de maio, por exemplo, a palavra 'corrida' no Google teve o maior número de buscas em 20 anos.

Portanto, com o poder das redes sociais, diversos laços foram criados, incluindo comunidades como o Big Day Team, projeto idealizado a partir de três sócios, e que atualmente conta com mais de seis mil seguidores em menos de quatro meses de existência. O grupo frequentemente realiza treinos em parques públicos e atrai cada vez mais pessoas. Gustavo Vilani, personal

trainer e sócio dos influenciadores Enzo Paccès e Pietro Dellamore, explica como tudo se iniciou.

“A ideia inicial eu estava trocando uma ideia com o Enzo, ele trouxe essa ideia, para criarmos uma metodologia e montar um estilo de vida pra galera, acabou que eu aderi, criei essa metodologia e ficamos juntos nessa. Nós buscamos um ambiente em que as pessoas se motivem a ser a sua melhor versão, sem comparações e todos buscando sua própria evolução.”

Em relação às questões negativas que as redes sociais podem trazer, Gustavo afirma que a corrida pode ajudar a afastar esse hábito da comparação

“Hoje a gente vive no meio de muita comparação, pode abrir o Instagram ou TikTok, que vai ter pessoas melhores ou piores em todos os âmbitos. Com a corrida, desenvolvemos a capacidade de buscar a nossa própria evolução, fazendo um treino sempre melhor que o de ontem.”

Diante dessa questão, o ex-atleta profissional de futsal e nutricionista José Eduardo foi

ouvido por nossa equipe, e expôs sua opinião em relação a linha tênue entre pontos positivos e negativos das redes sociais.

“A corrida foi inserida na minha vida a partir do momento que abdiquei do futebol, e pra suprir essa carência de esportes, comecei a praticar a corrida, até por ser uma pessoa muito ativa. Por conta disso, não tive influência das redes sociais. Mas vejo que estamos em uma sociedade, geração imediatista, e eu me incluía nisso, queria evoluir muito rápido no início e me comparava com os outros, acabava até me lesionando. Na internet existem pessoas que propagam bem o esporte e geram um impacto positivo, mas também tem aqueles que priorizam seu próprio ego e mostram uma suposta realidade que pode desanimar as pessoas”

Em relação à explosão das corridas de rua nos últimos anos, é importante analisar também as nuances para a consolidação da prática, seja nas recompensas físicas, como nas possibilidades financeiras. Gustavo enxerga a corrida como um esporte volátil, sendo uma atividade que se adapta



José Eduardo em competição - Foto: Reprodução Instagram

bem ao orçamento dos brasileiros. José, por sua vez, considera a corrida como uma espécie de terapia e ativação do sistema de recompensa.

“As razões do aumento das corridas de rua, creio que veio desde a pandemia, que a galera começou a perceber como que o esporte é importante na vida de todo mundo - e pela corrida ser teoricamente barata e que você não precisa de tanto material, não precisa de um espaço específico, acho que por conseguir encaixar na rotina de todos, as pessoas começaram aderir mais”, narrou Gustavo.

“Eu acho que o esporte vai muito além do físico, a corrida em si é individual mas que gera um convívio social muito forte, conhecendo conhecendo pessoas que te levam pra cima. É um esporte recompensador, todo final de treino você sente uma sensação de recompensa muito boa, o que ajuda na parte mental também, me puxando muito para uma terapia pessoal. Ela gera um autoconhecimento e sensação de realização.” finalizou José.



Grupo Bigday em treino no Parque Ibirapuera - Foto: Reprodução Instagram



## cultura

# Redescoberta de obras inéditas: impactos artísticos no cenário contemporâneo

A revalorização de obras de Tarsila do Amaral e Caravaggio impacta o cenário artístico contemporâneo e o mercado de arte.



Quadro "Paisagem 1925", obra de Tarsila do Amaral (créditos: Douglas Quintale)

Camyli Estefani, Constanza De Laquila e Guilherme Henrique

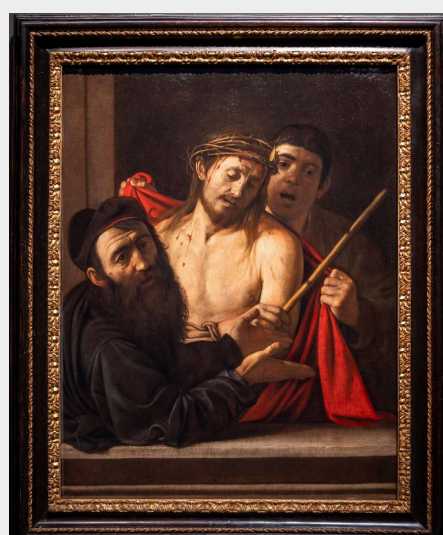
Nos últimos anos, o mundo da arte foi surpreendido por grandes redescobertas, lançando luz sobre obras de renomados mestres que, por décadas, ficaram à margem, sendo consideradas falsas ou perdidas. Estas descobertas têm impacto profundo no mercado de arte, no público e na crítica especializada, trazendo questionamentos e análises sobre a preservação, autenticidade e o legado artístico.

Um dos casos mais discutidos recentemente envolve a obra de Tarsila do Amaral, Paisagem 1925. O quadro, que estava no Líbano, foi autenticado por peritos após quase um século sendo considerado falso. De acordo com o perito Douglas Quintale, que participou ativamente no processo de

verificação, "A autenticação de uma obra dessa magnitude não apenas modifica a narrativa em torno da própria Tarsila, mas também reforça a importância de técnicas avançadas de análise e investigação no campo da arte."

As redescobertas não se limitam à obra de Tarsila. Outro grande destaque foi a revelação da obra Ecce Homo, de Caravaggio, encontrada em uma coleção particular e recentemente exposta no Museu do Prado, na Espanha. A pintura, desaparecida por séculos, ressurge em um momento em que o interesse global pelo legado de Caravaggio está em alta.

Essas descobertas jogam luz sobre a importância de preservar e estudar coleções privadas, muitas vezes



Ecce Homo, obra de Caravaggio (crédito: Museu do Prado)

negligenciadas pelo mercado de arte. Quintale comentou sobre isso no podcast do Radar São Paulo: "A grande maioria das redescobertas ocorre em coleções que pertencem a particulares, o que mostra como é vital ter um olhar atento e usar a ciência em favor da arte." A redescoberta de obras como essas afeta diretamente o

mercado de arte. Galerias, colecionadores e casas de leilão se movimentam para capitalizar sobre a nova visibilidade dessas obras. Nos últimos anos, o mundo da arte foi surpreendido por grandes redescobertas, lançando luz sobre obras de renomados mestres que, por décadas, ficaram à margem, sendo consideradas falsas ou perdidas. Estas descobertas têm impacto profundo no mercado de arte, no público e na crítica especializada, trazendo questionamentos e análises sobre a preservação, autenticidade e o legado artístico.

Um dos casos mais discutidos recentemente envolve a obra de Tarsila do Amaral, Paisagem 1925. O quadro, que estava no Líbano, foi autenticado por peritos após quase um século



cultura

sendo considerado falso. De acordo com o perito Douglas Quintale, que participou ativamente no processo de verificação, "A autenticação de uma obra dessa magnitude não apenas modifica a narrativa em torno da própria Tarsila, mas também reforça a importância de técnicas avançadas de análise e investigação no campo da arte."

As redescobertas não se limitam à obra de Tarsila. Outro grande destaque foi a revelação da obra *Ecce Homo*, de Caravaggio, encontrada em uma coleção particular e recentemente exposta no Museu do Prado, na Espanha. A pintura, desaparecida por séculos, ressurgiu em um momento em que o interesse global pelo legado de Caravaggio está em alta. Essas descobertas jogam

colecionadores e casas de leilão se movimentam para capitalizar sobre a nova visibilidade dessas peças. No caso da *Paisagem 1925*, seu valor no mercado aumentou exponencialmente após a autenticação. Segundo Quintale: "As obras que eram vistas com desconfiança passam a ter um novo valor cultural e econômico, refletindo diretamente nos preços de venda e nas exposições."

As redescobertas não impactam apenas o mercado financeiro, mas também o cenário artístico contemporâneo. Obras redescobertas como a de Tarsila e Caravaggio geram debates sobre a preservação da memória cultural e a revalorização da história da arte. Em uma das transcrições do podcast, Quintale reflete: "Quando uma obra é redescoberta, é como se



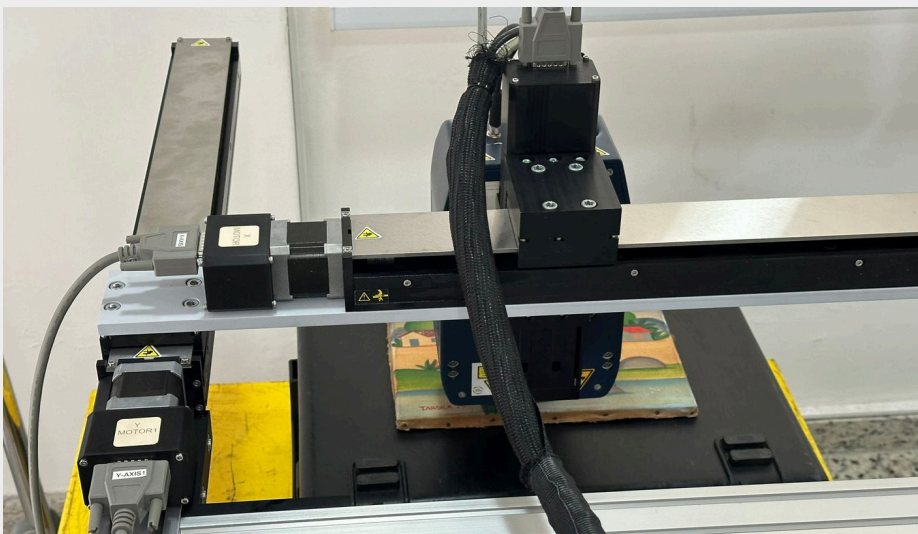
Perito Douglas Quintale (crédito: Douglas Quintale)

luz sobre a importância de preservar e estudar coleções privadas, muitas vezes negligenciadas pelo mercado de arte. Quintale comentou sobre isso no podcast do Radar São Paulo: "A grande maioria das redescobertas ocorre em coleções que pertencem a particulares, o que mostra como é vital ter um olhar atento e usar a ciência em favor da arte."

A redescoberta de obras como essas afeta diretamente o mercado de arte. Galerias,

devolvêsemos uma parte da nossa identidade artística. O público passa a revisitar aquela obra sob uma nova ótica, recontextualizando-a na história da arte e percebendo como ela pode dialogar com questões atuais."

*Paisagem 1925*, de Tarsila do Amaral, foi pintada durante um período em que a artista explorava elementos modernistas com ênfase nas paisagens brasileiras. A obra ficou esquecida no Líbano por



Exame arqueométrico sendo feito no quadro de Tarsila do Amaral (créditos: Douglas Quintale)

décadas, quando o proprietário a trouxe de volta ao Brasil em 2023. *Ecce Homo*, de Caravaggio, permaneceu desconhecida por mais de três séculos, até ser encontrada em uma coleção privada na Espanha. A obra retrata o Cristo flagelado, em um estilo dramático característico do pintor italiano, famoso por seu uso do claro-escuro.

Técnicas avançadas, como a análise por raios-X e espectrometria, foram fundamentais para a autenticação dessas obras. Douglas Quintale foi o responsável por liderar essas investigações no Brasil, trabalhando com uma equipe multidisciplinar de especialistas internacionais.

Com o avanço da tecnologia, as perspectivas para novas descobertas são cada vez mais promissoras. Quintale compartilhou suas expectativas para o futuro: "Estamos entrando em uma nova era onde a tecnologia será uma grande aliada na revalorização da arte. O uso de inteligência artificial para identificar traços de autenticidade e novas ferramentas de preservação certamente trará mais surpresas nos próximos anos."

Essas redescobertas não apenas ampliam o mercado de arte, mas também geram uma nova visão sobre o legado artístico e cultural, permitindo que as obras ganhem uma nova vida, conectando passado e presente.

Para saber mais sobre essa matéria, ouça o podcast com o perito Douglas Quintale, que compartilha detalhes sobre suas investigações e as repercussões

no cenário artístico:



Pintura de Mark Rothko é vendida na Ásia e bate recorde Ocidental

Por: Constanza De Laquila

A pintura *Untitled (Yellow and Blue)* (1954), de Mark Rothko, foi vendida nesta quinta-feira, dia 14, pela renomada casa de leilões Sotheby's, em Hong Kong. Em 2015, a obra havia sido leiloadada por 46,6 milhões de dólares. Agora, ao alcançar o valor de 253 milhões de dólares, ela se tornou a terceira obra de arte ocidental mais cara já vendida na Ásia, registrando uma valorização de aproximadamente 442,92% no período.



Untitled (Yellow and Blue) (1954) (crédito: Mark Rothko)



cultura

# A influência das redes sociais na divulgação de livros nacionais

Nova geração de leitores fortalece tendência ao consumo de obras brasileiras



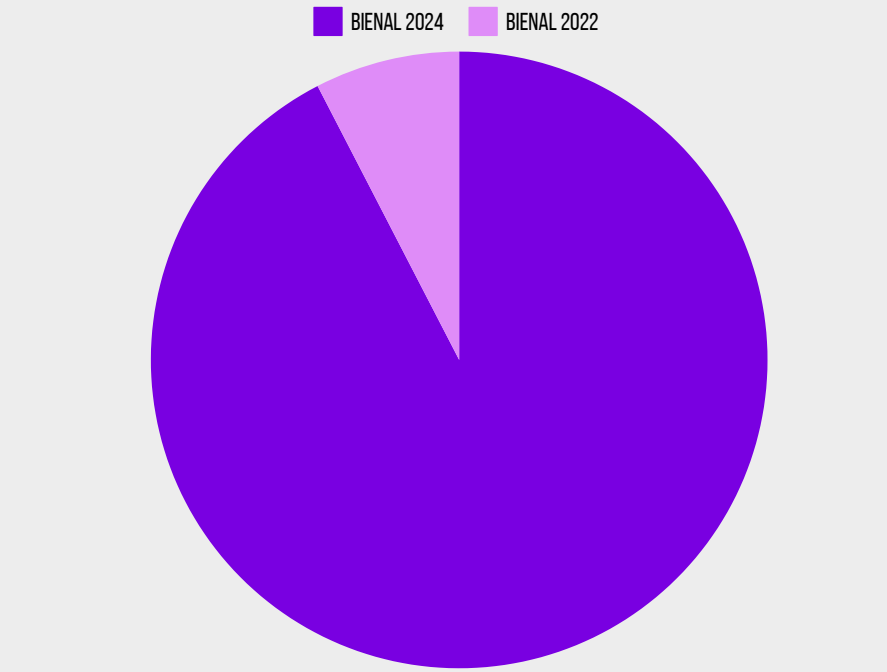
Entrada da Bienal do livro 2024 (Imagem: Martino Quintale)

Camyli Estefani, Constanza De Laquila e Guilherme Henrique

A forma como os leitores descobrem e consomem literatura mudou drasticamente nos últimos anos, com as redes sociais desempenhando um papel central. Um exemplo claro é a comunidade BookTok, que se originou no TikTok, moldando o mercado editorial ao promover obras tanto de autores internacionais quanto nacionais. Esse movimento fortalece a visibilidade de livros brasileiros, conectando uma nova geração de leitores à literatura nacional. Um exemplo recente foi o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Machado de Assis), que retornou à seção de mais vendidos após a divulgação feita pela influenciadora Courtney Henning Novak no TikTok. A 27ª edição da Bienal Internacional do Livro de São Paulo de 2024 refletiu essa tendência, com um recorde de mais de 700 mil visitantes, o maior número em 10 anos.

Segundo a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e a Secretaria Municipal de Turismo (SMTur), o público foi 9,39% maior do que em 2022, sendo que jovens entre 18 e 24 anos representaram 43,3% dos visitantes. A pesquisa de faturamento dos expositores apontou um aumento de 83% nas vendas diárias em comparação à edição anterior, com grande procura por gêneros como romance, fantasia e "romantasia". Esse cenário foi reforçado por criadores de conteúdo como Maria Clara, que compartilhou sua trajetória: “Comecei a ler em 2020, no início da pandemia, sem conhecer as bookredes. Em 2022, passei a criar conteúdo literário para compartilhar minhas leituras e fazer amizades. Comecei indicando livros internacionais e, depois, descobri os nacionais. Hoje, boa parte dos leitores vem da comunidade literária online, e é gratificante saber que faço parte disso.” Bruno Zolotar, diretor comercial e de marketing da Rocco, enumerou fatores que contribuíram para o sucesso do evento: “o ótimo trabalho de divulgação com influenciadores, a maior visitação escolar e o Distrito Anhembi renovado e bem mais confortável.” A autora Thais Bergmann, em entrevista na Bienal, destacou o crescente espaço dos autores nacionais nas redes sociais: "As plataformas ainda destacam mais obras internacionais, mas tenho visto uma mudança. Cada vez mais autores nacionais têm conseguido espaço ao fazer sua

nas vendas diárias em comparação à edição anterior, com grande procura por gêneros como romance, fantasia e "romantasia". Esse cenário foi reforçado por criadores de conteúdo como Maria Clara, que compartilhou sua trajetória: “Comecei a ler em 2020, no início da pandemia, sem conhecer as bookredes. Em 2022, passei a criar conteúdo literário para compartilhar minhas leituras e fazer amizades. Comecei indicando livros internacionais e, depois, descobri os nacionais. Hoje, boa parte dos leitores vem da comunidade literária online, e é gratificante saber que faço parte disso.” Bruno Zolotar, diretor comercial e de marketing da Rocco, enumerou fatores que contribuíram para o sucesso do evento: “o ótimo trabalho de divulgação com influenciadores, a maior visitação escolar e o Distrito Anhembi renovado e bem mais confortável.” A autora Thais Bergmann, em entrevista na Bienal, destacou o crescente espaço dos autores nacionais nas redes sociais: "As plataformas ainda destacam mais obras internacionais, mas tenho visto uma mudança. Cada vez mais autores nacionais têm conseguido espaço ao fazer sua



Número de visitantes e o percentual de jovens entre 18 e 24 anos na Bienal do Livro de São Paulo em 2022 e 2024 (Gráfico: AI)



cultura

própria divulgação nas redes." Bergmann também mencionou como as redes influenciam suas histórias: "Gosto de inserir mensagens de texto em meus livros. Em um deles, a protagonista grava um vídeo que viraliza nas redes. É natural incluir esses temas hoje."

A presença das redes sociais não só impulsiona as vendas, mas também influencia o processo criativo dos autores, mostrando seu impacto tanto na divulgação quanto no consumo de literatura. Eventos como a Bial do Livro de São Paulo de 2024 e comunidades como o BookTok refletem essa transformação, tornando as plataformas digitais essenciais para a renovação do cenário literário brasileiro.

Confira nosso vídeo no TikTok, onde entrevistamos leitores e escritores da Bial do Livro SP 2024:



Antecipe a renovação do seu curso e ganhe um desconto impressionante!

18 DE NOVEMBRO

ACELERA NA REMATRICULA!

FMU LEVEL UP



Livros famosos na comunidade booktok a venda na Bial do Livro 2024 (Crédito: Constanza Quintale)

Os 10 livros mais famosos entre os jovens do “BookTok”

A comunidade do BookTok, que reúne leitores e criadores no TikTok para discutir literatura, continua a impulsionar tendências no mercado editorial. Jovens leitores se conectam com histórias envolventes e autores que abordam temas universais e contemporâneos, como amor, superação e fantasia. O fenômeno não apenas aumenta a visibilidade de autores, mas também transforma obras desconhecidas em sucessos de vendas.

Neste ano, os livros mais populares refletem a diversidade de gostos e a busca por histórias emocionantes e transformadoras. Confira os 10 títulos mais famosos do momento:

*É assim que acaba* e *É assim que Começa* – Colleen Hoover

*Os Sete Maridos de Evelyn Hugo* – Taylor Jenkins Reid

*Corte de Espinhos e Rosas* – Sarah J. Maas

*Mentirosos* – E. Lockhart

*Um de Nós Está Mentindo* – Karen M. McManus

*Promessas Vazias* – Lexi Ryan

*A Empregada* – Freida McFadden

*Impotente* – Lauren Roberts

*Açougueiro e Melro* – Brynne Weaver

*A Mandíbula de Caim* – Edward Powys Mathers

Esses títulos provam que o impacto das redes sociais na literatura é mais forte do que nunca, conectando leitores a obras

G T D R R G B L N H T R D Y I S H P E A P E

R I A D T D W Y M G E H F P N T R H A S T N

L R F A C U L D A D E I A T B O W T M K T A

G H E C L N O T A Y A U L E F O R S S M R U

E N W W E R T T E C T S E E G H E A M C R I

D W A T U J O R N A L I S M O R R W A O S E

S H H E D R D A Y A E S B N N E I E T R N T

T N I N T L A F L S O O T O A P I U E C R D

O T E O O I M Y T R T T E D A O W S R N W C

G A E N R B R A E M W F A N H R E D I L H E

F S S E A H G T E S T U D A N T E E A I W S

S W T R T I S V S G R T I R E A D A E U G R

A N T O O L S F Y R A D A R I G R O E I L N

E G G N R E S H E A N U R F R E V I S T A A

S S R U E E E T E A T I Y T R M E R W A R R

H C R S E M D S F A R I E E A E T E E O I I

AULA

ESTAGIO

ESTUDANTE

FACULDADE

JORNALISMO

MATERIA

PAUTA

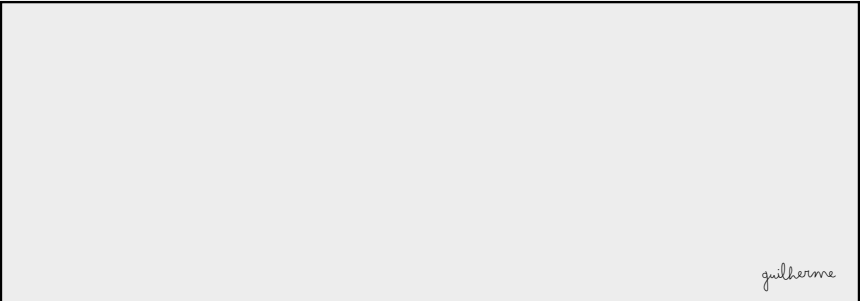
PROFESSOR

RADAR

REDATOR

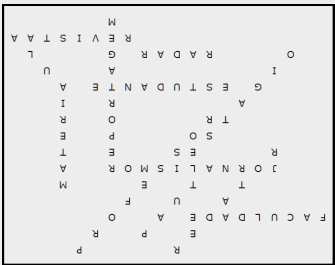
REPORTAGEM

REVISTA



Rodízios de carros na semana

| DIA            | SEGUNDA | TERÇA | QUARTA | QUINTA | SEXTA |
|----------------|---------|-------|--------|--------|-------|
| FINAL DA PLACA | 1 e 2   | 3 e 4 | 5 e 6  | 7 e 8  | 9 e 0 |

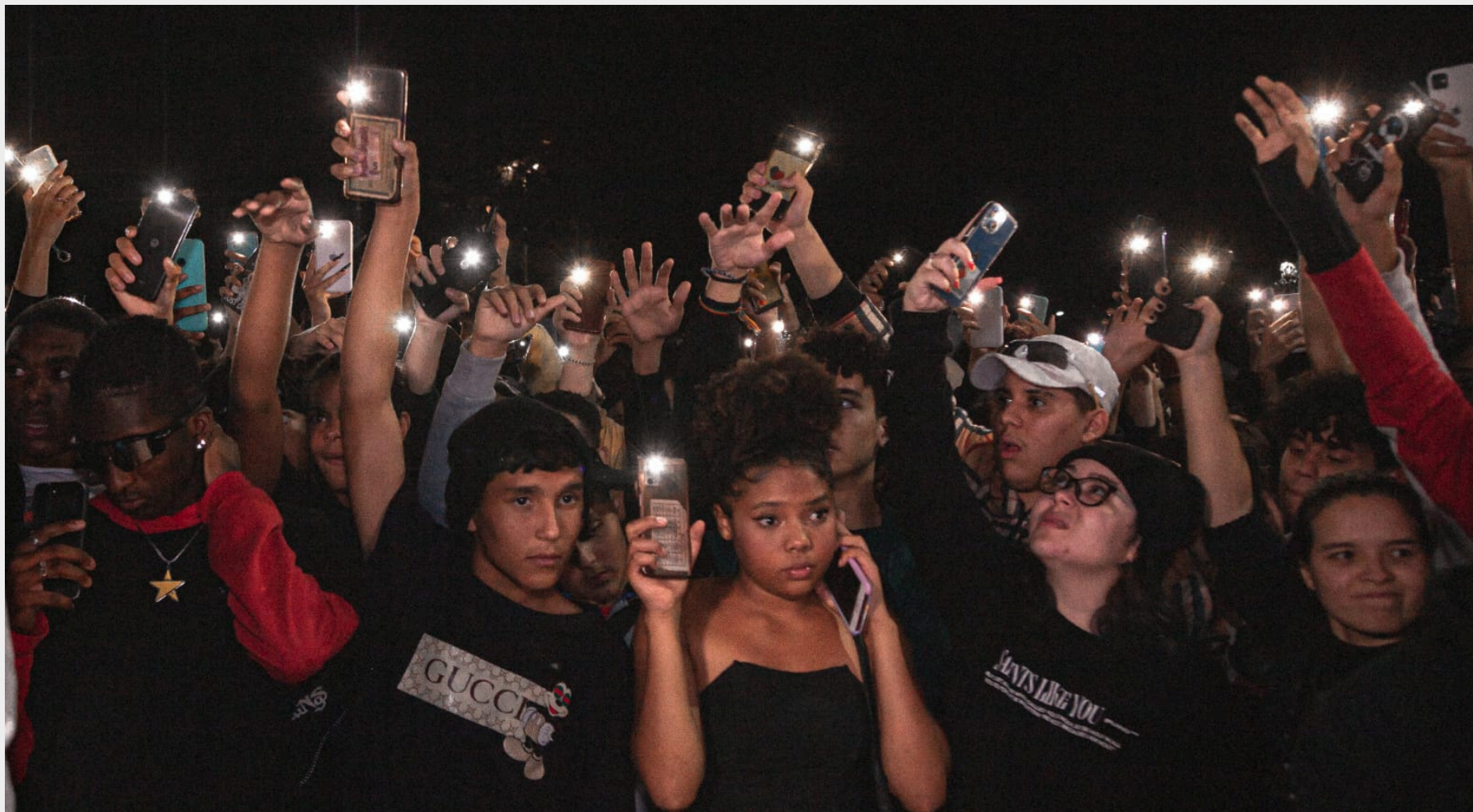




## cultura

# Rimas e redes: Como as batalhas de rap potencializam a cultura Hip-Hop no Brasil.

Engajamento nas redes sociais alavanca crescimento das batalhas.



Público durante uma das edições da Batalha da Norte (Crédito: @soutteu)

Camyli Estefani, Constanza De Laquila e Guilherme Henrique

A história das batalhas de rima se entrelaçam com o rap e a música. Das raízes do hip-hop que surgiram culturas que hoje seguem mundialmente a sociedade. As rimas foram de um elemento musical à foco principal de uma das maiores tendências da atual cultura do hip-hop de rua. Plataformas digitais, amplificaram o alcance das batalhas, tornando-as um interesse cultural não só em eventos locais, mas também no ambiente online, onde milhões acompanham e interagem com os conteúdos produzidos. Batalha do Tanque no Rio de Janeiro, do Santa Cruz em São Paulo e do Museu em Brasília, são palcos expoentes que lançaram grandes nomes para o cenário nacional, como o Emicida.

O engajamento e a atração foram crescendo aos olhos do público que além de comparecer presencialmente nas batalhas, eram ativos nas comunidades e

grupos em redes sociais. Matheus, criador de conteúdo e espectador, reafirma essa questão: “A principal mudança foi como a cena das batalhas começou a furar a bolha e ser vista com um ar de profissionalismo maior, abrindo portas para organização, mc’s e público.” O advento das redes sociais se transformou em batalhas de rima em um verdadeiro espetáculo digital. A



Tteu durante as batalhas de rima (Crédito: @soutteu)

hashtag #batalhaderima no TikTok já acumula mais de 12,6 bilhões de visualizações, destacando o alcance massivo desse público. Artistas como Nauta, Zeus, Tavin e Xamuel são exemplos do impacto positivo que essas plataformas têm na carreira de novos talentos.

Ben Richter, ex-participante e espectador, cita Xamuel como exemplo das redes sociais: “O Xamuel, ganhou muita visibilidade, mas mudou também, querendo ou não, o que era, sabe? Então eu sinto que a essência pode ter dado uma mudada, mas também se aprimoraram. A aceitação de pessoas de outras sexualidades, de pessoas trans, tem sido bem inclusiva.” O MC conta com mais de 3,4 milhões de seguidores e utiliza o TikTok para promover suas músicas e interagir diretamente com seus fãs. O MC conta com mais de 3,4 milhões de seguidores e

utiliza o TikTok para promover suas músicas e interagir diretamente com seus fãs.

Nos últimos anos, o crescimento das batalhas de rimas inspirou a criação de novos palcos para campeonatos estaduais e nacionais, além do surgimento de novos artistas que hoje já são referência dentro da cultura. Entretanto, uma se destaca na cena: a Batalha da Aldeia, a BDA. Idealizada por Bruno de Sousa, o Bob13, a Aldeia se tornou o expoente das batalhas e dos maiores MC's que fazem parte das rimas.

Com mais de quatro milhões de inscritos no YouTube, a BDA se tornou um dos maiores espectadores do Brasil. Em 2024, o Podpah, firmou uma parceria para transmissão da Batalha da Aldeia no YouTube. Isso realça a expansão e a cultura ativa que o público de ambas marcas trazem para o entretenimento nacionais. Mestre de cerimônia da Batalha



cultura



Rato x Nunes - 1ª Fase - Batalha da Aldeia #8

1,1 mil visualizações • há 8 anos



Kinze x Nunes - 2ª Fase - Batalha da Aldeia #8

986 visualizações • há 8 anos



Lil Wayne x Vitinho - 1ª fase - BDA #10

1,4 mil visualizações • há 8 anos



DZK x Tatu - 1ª fase - BDA #10

980 visualizações • há 8 anos



Marie x Ravenna | 133ª Batalha da Aldeia | Edição Diversidade | Barueri...

5,1 mi de visualizações • há 5 anos



(GASTAÇÃO) Mike x Ravena | SEGUNDA FASE | 164ª Batalha da Aldeia...

5,1 mi de visualizações • há 5 anos



(PEGOU FOGO) SALVADOR X JHONY | SEGUNDA FASE | (4ª Batalha da Aldeia)

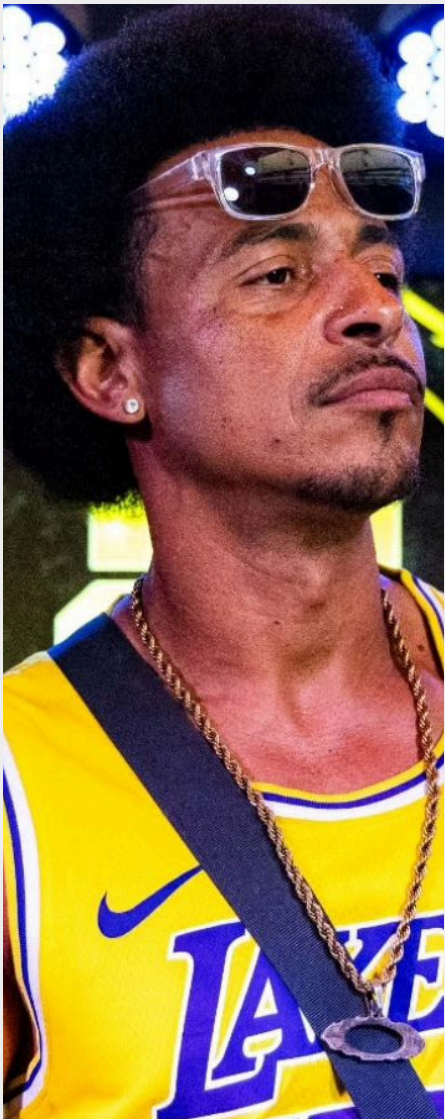
5,1 mi de visualizações • há 1 ano



Zuluzão x Salvador | SEMIFINAL | 170ª Batalha da Aldeia | Barueri | SP

4,7 mi de visualizações • há 4 anos

Comparação de crescimento e visualizações no canal do YouTube da Batalha da Aldeia ao longo dos anos (Crédito: Youtube)



Michael Estevam ( Crédito:@thupac09 ) da Zil, Michael Estevam comenta sobre o crescimento das batalhas e a mudança ao longo dos anos: “Meu acompanhamento dentro das batalhas, teve uma mudança absurda, no público, nos MC's. O hip-hop é proibido proibir, é aberto para todas opiniões. Mas a essência do hip hop mesmo, tem batalhas que os MC's citam

muitas referências raiz do hip hop, a fonte de tudo onde tudo começou, mas muito público vai pra ver o MC, não pra ver as rimas, eles vão pelo MC favorito e não absorve o que os outros tem pra passar” As batalhas de rima funcionam como espaços de resistência cultural e política. Iniciativas como o Programa Estadual de Batalhas de Rima Educacionais, aprovada pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, visa integrar essa cultura nas escolas públicas, promovendo o interesse dos jovens pela língua portuguesa e pela arte. Com suas letras que abordam temas como racismo, violência e desigualdade social, as batalhas oferecem uma plataforma para que os jovens expressem suas frustrações e aspirações. Com o impacto das redes sociais e a profissionalização crescente das batalhas de rima, o futuro da cultura hip-hop no Brasil parece promissor. Esses espaços, que nasceram nas ruas, continuam a transformar vidas e a expandir horizontes, unindo tradição e inovação. Seja como palco de resistência cultural ou vitrine de novos talentos, as batalhas de rima não apenas potencializam o hip-hop, mas também reforçam sua relevância

como uma das mais autênticas expressões da juventude brasileira.

Conheça as principais Batalhas de Rap em São Paulo:

**Batalha da Aldeia**  
As segundas-feiras na Praça dos Estudantes, em Barueri, a partir das 20h.

**Batalha da Norte**  
Todas as sextas na Praça Margarida Albuquerque Gimenez, em Santana, a partir das 20h.

**Batalha da Leste**  
Todo sábado ao lado da passarela do metrô Corinthians - Itaquera, a partir das 15h.

**Batalha da Ana Rosa**  
As quintas-feiras ao lado do metrô Ana Rosa, a partir das 20h.

**Batalha da Zil**  
Todas as sextas na Praça Brasil, em Itaquera, a partir das 19h.

NOTÍCIAS

SANTANDER LEVA ALUNOS DA FMU LEVEL UP PARA ESPANHA

FMU

Jardim Botânico de São Paulo se transforma com Lektrik: o Festival de Luzes!

aponte a câmera para o qr code e saiba mais:



Vendas começam na terça-feira, 19 de novembro